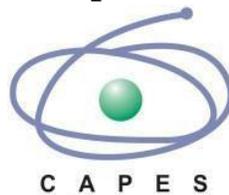


Nara Cíntia Alves Cordeiro



**ANÁLISE TAXOMÉTRICA DA PSICOPATIA EM UMA
AMOSTRA COMUNITÁRIA**

Apoio:



**ITATIBA
2017**

Nara Cíntia Alves Cordeiro

**ANÁLISE TAXOMÉTRICA DA PSICOPATIA EM UMA
AMOSTRA COMUNITÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, Área de Concentração - Avaliação Psicológica, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

ORIENTADOR: PROF. DR. NELSON HAUCK FILHO

ITATIBA
2017

P150.195.12 Cordeiro, Nara Cíntia Alves.

C82a

Análise taxométrica da psicopatia em uma amostra comunitária / Nara Cíntia Alves Cordeiro. – Campinas, 2017.

105 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.

Orientação: Nelson Hauck Filho.

1. Avaliação Psicológica. 2. Transtorno de Personalidade. 3. Psicopatia. I. Hauck Filho, Nelson.
II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias do Setor de Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM PSICOLOGIA

Nara Cíntia Alves Cordeiro defendeu a dissertação “ANÁLISE TAXOMÉTRICA DA PSICOPATIA EM UMA AMOSTRA COMUNITÁRIA” aprovado pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco em 16 de março de 2017 pela Banca Examinadora constituída por:



Prof. Dr. Nelson Hauck Filho
Orientador e Presidente



Prof. Dr. Wagner de Lara Machado
Examinador



Prof. Dr. Lucas de Francisco Carvalho
Examinador

Dedicatória

Aos meus avós Ursula, Antônio (♥), Urçula Neném (♥) e Francisco (♥).

Agradecimentos

Meu amado Deus, sou muito grata por tantas maravilhas que fizestes na minha vida. Muito obrigada por me permitir realizar o sonho de ser Mestre em Psicologia, profissão que amo.

Agradeço imensamente ao Professor Nelson por toda a paciência e atenção comigo e com nosso trabalho. Para mim é um exemplo de dedicação e sucesso, mas também de educação e gentileza.

Agradeço aos meus pais Narciso e Luzia, minha irmã Vanessa, minhas primas queridas Cláudia e Thays, aos meus amigos Lucas e Larissa e ao meu noivo Douglas que mesmo à distância me passaram tantas energias positivas, incentivo e carinho. Sem a força de vocês jamais teria conseguido!

Com muito carinho agradeço aos novos amigos que fiz em Itatiba. Andrea, Aline, Alessi, Gabriel e Leonardo, muito obrigada pelos momentos de descontração.

À Renata e família que me acolheram em Campinas como se eu fosse parte da família, e me sinto assim de fato. Serei eternamente grata por tudo!

Às Anas do Núcleo de Pós-Graduação, às moças da central de atendimento, da limpeza e da cantina pela simpatia. Em especial à Leila que sempre me tratou com tanto carinho e a quem considero uma amiga.

Resumo

Cordeiro, Nara Cíntia Alves. (2017). *Análise Taxométrica da Psicopatia em uma amostra comunitária*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.

A psicopatia é entendida como uma constelação de traços de personalidade antissocial que possuem um núcleo de insensibilidade e frieza emocional. Uma questão ainda não resolvida sobre a psicopatia é a estrutura latente do construto. Os modelos explicativos disponíveis podem ser agrupados em duas possibilidades: a psicopatia enquanto uma entidade categórica e a psicopatia enquanto uma entidade dimensional. Investigar qual das duas possibilidades é a mais ajustada aos dados não é tarefa fácil, pois depende de ferramentas modernas de análise de dados. Um avanço nesse sentido é a análise taxométrica, que possibilita investigar se a estrutura latente de um construto se aproxima mais de um modelo dimensional (variação em graus) ou de um modelo categórico (variação qualitativa). O foco da presente dissertação é a investigação taxométrica da natureza latente da psicopatia. O trabalho é composto por uma introdução teórica, que faz um apanhado histórico sobre a psicopatia, os diferentes modelos explicativos de estruturas latentes e a análise taxométrica, sendo, após, apresentados dois artigos. O primeiro artigo objetivou conduzir uma revisão sistemática da literatura, a fim de sintetizar o conhecimento disponível, até o presente momento, acerca da natureza da personalidade psicopática. Para tanto, realizou-se uma busca na base de dados PsycINFO. Os resultados identificaram pontos fortes e limitações dos estudos anteriores, o que orientou o planejamento do estudo apresentado subsequentemente. O segundo artigo objetivou realizar uma análise taxométrica da psicopatia na tentativa de suprir as falhas metodológicas identificadas em estudos anteriores tais como: a) usar MAMBAC, MAXEIG e L-Mode de forma conjunta para aumentar a acurácia desse método; b) empregar uma amostra comunitária; e c) fazer uso de diversos indicadores para as características que compõem a constelação da personalidade psicopática. Os resultados trazem evidências de dimensionalidade, tanto ao considerar diferentes instrumentos isoladamente, quanto ao levar em consideração o $CCFI_{\text{médio}}$ total. Tais resultados podem ser úteis para a compreensão das características da psicopatia em contextos não carcerários, apontando para um contínuo fenotípico, e refutando a existência de um grupo de psicopatas qualitativamente distinto das demais pessoas.

Palavras-chave: avaliação psicológica, transtorno de personalidade, psicopatia.

Abstract

Cordeiro, Nara Cíntia Alves. (2017). *Taxometric Analysis of Psychopathy in a non-forensic sample*. Master's Thesis, Graduate Program in Psychology, Universidade São Francisco, Campinas, São Paulo.

Psychopathy is regarded as a constellation of antisocial personality traits that share a callous-unemotional core. One question that remains surrounding the very nature of psychopathy is its latent structure. Available models tend to cluster into two distinct possibilities: psychopathy as a categorical entity, and psychopathy as a dimensional entity. Addressing the question of which one is the best modeling approach is not an easy task, mainly because it depends upon modern statistical methods. Taxometric analysis might afford solving this question, as it tests whether a latent variable is best explained by a categorical or a dimensional approach. The present Master's thesis presents a taxometric analysis of the latent structure of psychopathic personality. The work comprises an introduction, which discusses historical developments in understanding psychopathy, the different models and the taxometric analysis, and then two papers. The first paper describes a systematic review of the literature with the purpose of performing a synthesis of the available knowledge on the latent nature of psychopathy. To do so, a search was conducted on PsycINFO to retrieving relevant studies. Findings helped identify strengths and limitations of previous studies, what oriented the planning of the paper presented next. The second paper contains a taxometric analysis of psychopathy, in which a series of limitations of previous studies were addressed: a) MAMBAC, MAXEIG and L-mode were used simultaneously to improve accuracy, 2) participants were sampled from a non-forensic population, and c) several instruments were selected to serve as input indicators in the analyses. Results revealed evidence consistent with a dimensional approach of psychopathy, irrespective of analyzing instruments separately or together based on the mean CCFI. Findings help clarify the expression of psychopathy in non-prison settings, pointing to a phenotypic continuum, and refuting the existence of a qualitatively distinct group of psychopaths.

Keywords: psychological assessment, personality disorders, psychopathy.

Sumário

LISTA DE FIGURAS	8
LISTA DE TABELAS	9
LISTA DE ANEXOS	10
Apresentação	11
Introdução	12
Modelos categóricos da psicopatia	17
Modelos dimensionais da psicopatia	20
Análise taxométrica	29
ARTIGO I: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS TAXOMÉTRICOS DA PSICOPATIA	36
Introdução.....	38
Método	40
Discussão.....	47
Conclusões	51
Referências	52
ARTIGO II: ESTRUTURA LATENTE DA PSICOPATIA EM UMA AMOSTRA COMUNITÁRIA: UMA ANÁLISE TAXOMÉTRICA	52
Introdução.....	58
Método	64
Participantes	64
Instrumentos	64
Procedimentos	67
Plano de análise de dados	67
Resultados	67
Discussão.....	70
Conclusões	73
Referências	74
Considerações finais	77
Referências	77
Anexos	84

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Diagrama explicativo do modelo de dois fatores.....	22
<i>Figura 2.</i> Diagrama explicativo do modelo de três fatores.....	23
<i>Figura 3.</i> Diagrama explicativo do modelo de quatro facetas.....	25
<i>Figura 4.</i> Diagrama explicativo do modelo triárquico da psicopatia.....	26
<i>Figura 5.</i> Diagrama explicativo da Tríade Sombria da Personalidade.....	28
<i>Figura 6.</i> Análises utilizando o método MAMBAC.....	30
<i>Figura 7.</i> Análises utilizando o método MAXEIG.....	31
<i>Figura 8.</i> Análises utilizando o método L-Mode.....	32
<i>Figura 9.</i> Fluxograma dos resultados.....	41
<i>Figura 10.</i> Diagrama explicativo do modelo categórico.....	59
<i>Figura 11.</i> Modelo genérico de modelo dimensional.....	61
<i>Figura 12.</i> Gráficos de comparação do MAMBAC para indicadores primários e secundários.....	69
<i>Figura 13.</i> Gráficos de comparação do MAXEIG para indicadores primários e secundários.....	69
<i>Figura 14.</i> Gráficos de comparação do L-Mode para indicadores primários e secundários.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 <i>Crêterios diagnósticos para psicopatia de Cleckley</i>	13
Tabela 2 <i>Revisão sobre Estudos Taxométricos</i>	42
Tabela 3 <i>Resultados das Análises Taxom�tricas</i>	68

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Questionário sociodemográfico e questionário CAGE.....	84
Anexo 2. <i>Dirty Dozen</i> versão neutralizada.....	85
Anexo 3. <i>Dirty Dozen</i>	86
Anexo 4. <i>Levenson Self-Report Psychopathy</i>	87
Anexo 5. <i>Barratt Impulsiveness Scale</i>	88
Anexo 6. Escala de Autocontrole.....	89
Anexo 7. <i>Inventory of Callous-Unemotional Traits</i>	90
Anexo 8. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para aplicação presencial.....	91
Anexo 9. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para aplicação <i>online</i>	92
Anexo 10. Parecer consubstanciado do CEP.....	93
Anexo 11. Gráficos dos procedimentos de Análise Taxométrica por indicador.....	95

Apresentação

Os avanços históricos no conceito de psicopatia culminam em uma importante questão sobre sua estrutura latente. As discussões teóricas visam a descobrir se realmente há uma categoria de “psicopatas” naturalmente diferentes das demais. Os avanços estatísticos possibilitam um maior entendimento de questões referentes à estrutura latente dos atributos psicológicos. Um desses avanços é a análise taxométrica, que permite compreender se uma estrutura latente é mais bem explicada por um modelo dimensional (variação em graus) ou por um modelo categórico (variações qualitativas).

Existem poucos estudos taxométricos da psicopatia com amostra comunitária e tais estudos não são unânimes. O trabalho aqui apresentado pode representar um avanço na compreensão de sua estrutura latente, dada a ausência de consenso sobre o assunto. Seu estudo fora do âmbito carcerário se faz necessário, pois há evidências da presença de pessoas com altos traços de psicopatia em vários contextos não criminosos. Assim, a presente dissertação apresenta uma investigação sobre a estrutura latente da psicopatia em uma amostra comunitária, buscando superar algumas limitações metodológicas de estudos anteriores. A hipótese lançada, em consonância com os estudos mais robustos conduzidos em amostras carcerárias, é a de que a psicopatia é uma entidade dimensional, que se expressa enquanto um contínuo fenotípico, e não enquanto uma categoria à parte de pessoas.

A fim de construir uma base sólida para os objetivos deste trabalho, serão abordados alguns temas relevantes na seguinte ordem: introdução histórica sobre a temática, modelos teóricos da estrutura latente da psicopatia, análise taxométrica e, afinal, uma revisão sistemática sobre análises taxométricas da psicopatia (artigo I). A análise taxométrica realizada com amostra comunitária brasileira é descrita na sequência (artigo II), sendo então elaborada uma conclusão geral para o presente trabalho.

Introdução

A psicopatia é definida na literatura como um conjunto de traços como falta de culpa e de empatia, grandiosidade, frieza e manipulação, relacionamentos rasos, impulsividade, e tendência a ter comportamentos socialmente desviantes (Cooke & Michie, 2001; Fowles & Dindo, 2009; Lykken, 1995; Vitacco, Neumuann, & Jackson, 2005). O conceito de psicopatia percorreu um longo caminho até chegar ao relativo consenso atual. A partir do século XIX, houve diversas evoluções no que se conhece sobre o tema, decorrendo mais de um século até chegar às proposições de Cleckley (1941). Os próximos parágrafos se baseiam no resgate histórico feito por Arrigo e Shipley (2001), e objetivam trazer uma visão geral do desenvolvimento do conceito.

A psicopatia parece ter sido descrita primeiramente por Pinel, um médico francês que, ao trabalhar com pessoas com transtornos mentais diversos, atentou para a necessidade de tratar cada tipo de loucura de forma diferente. Ele resolveu separar os loucos agressivos dos melancólicos, e procedeu a uma diferenciação entre os transtornos. Em 1801, Pinel identificou uma “insanidade sem delírio”, que inspirava cuidados por sua tendência a causar danos ao indivíduo por ela acometido e aos demais. Ele propunha que as pessoas com essa insanidade não deveriam ser tratadas por meios cruéis como sangrias e banhos frios, mas com o cuidado e atenção dos quais necessitavam. Porém, essa visão moralmente neutra da psicopatia não durou muito. Em 1812, Rush atribuiu um valor pejorativo a essa condição clínica ao caracterizar seus comportamentos como moralmente depravados e de origem congênita. Sua conceituação se opunha à de Pinel quanto à forma de tratar essas pessoas.

Com o tempo, as definições e os tratamentos para a psicopatia foram mudando, e, em 1835, Prichard descreveu a “insanidade moral” como marcada por um intelecto preservado, porém com sentimentos, temperamento ou hábitos prejudicados. Tal visão se assemelha à

de Pinel, ao propor que a inteligência é preservada enquanto outros aspectos levam a comportamentos prejudiciais. Entretanto, ao abordar o aspecto moral, aproxima-se da visão de Rush na condenação social. Koch, em 1891, definiu a “inferioridade psicopática”, descrevendo alterações semelhantes às aquelas propostas por Pinel, Rush e Prichard. A disposição psicopática era caracterizada por uma fragilidade psíquica; a degeneração psicopática era caracterizada pela falha intelectual e moral por defeitos cerebrais; e a inferioridade psíquica foi dividida em três tipos. O tipo vulnerável engloba pessoas sensíveis e fracas; o tipo vigoroso engloba características de grandiosidade; e o tipo intermediário engloba um embotamento natural.

Em defesa de uma causa orgânica para essa condição clínica, Maudsley sugeriu, em 1897, que a “imbecilidade moral” se deve a danos cerebrais e que não pode ser tratada, não sendo também passível de punição, pois não haveria controle do indivíduo sobre os próprios atos. Neste sentido, Maudsley trouxe uma visão de não-condenação devido à incapacidade de autocontrole. Entretanto, a impossibilidade de tratamento sugerida por ele também inspirou a condenação social. Tal condenação foi ainda mais evidenciada por Krapelin que retomou, em 1915, o conceito de “inferioridade psicopática” de Koch, incluindo vícios e maldades criminosas em sua caracterização.

Essa série de mudanças trouxe muita confusão até que Cleckley conceituasse o psicopata típico. Tal conceito surgiu a partir de 15 casos clínicos acompanhados por ele, os quais serviram de base para 16 critérios diagnósticos (Tabela 1). Nos dias atuais, entende-se que esses critérios perpassam por três dimensões: comportamental, afetiva e interpessoal (Arrigo & Shipley, 2001).

Tabela 1

Critérios diagnósticos para psicopatia de Cleckley

Características	Manifestações clínicas	Dimensão envolvida*
-----------------	------------------------	---------------------

Charme superficial e boa inteligência	Agradável a um primeiro encontro, demonstrando opiniões convincentes e genuíno interesse por diversos temas.	Interpessoal
Indigno de confiança Falsidade e insinceridade Perda específica de intuição	Apesar de passar uma primeira impressão (superficial) de ser uma pessoa confiável, não consegue honrar compromissos. Mente constantemente, e usa seu poder de convencimento para se desviar (por meio de mentiras) de acusações. Não é capaz de compreender como os outros o veem ou se sentem em sua presença ou com suas ações.	Interpessoal
Insensibilidade nas relações interpessoais	Não consegue expressar carinho, valorização ou afetividade verdadeiras. Às vezes tenta fingi-los, mas é quase sempre malfeito.	Interpessoal
Vida sexual impessoal, frívola e pouco estável	Práticas sexuais consideradas alarmantes para a época: masturbação compulsiva e tentativas de flertes ou casos perigosos, como seduzir o parceiro de algum parente próximo apenas pela emoção de fazê-lo.	Comportamental e interpessoal
Egocentrismo patológico e incapacidade para amar	O egocentrismo pode se apresentar como vaidade ou autoestima exacerbada. A capacidade de gostar ou não de coisas e pessoas é preservada, mas não a de amar genuinamente.	Interpessoal e afetiva
Pobres relações afetivas Ausência de nervosismo e/ou manifestações psiconeuróticas	Além de não conseguir se ater a um objeto de amor, pode simular emoções intensas no intuito de convencer o observador, mas sem as experimentar de fato. Mesmo frente a situações vexatórias ou embaraçosas e/ou situações de risco que causariam ansiedade e constrangimento a	Afetiva

	qualquer pessoa, tende a se manter sereno e despreocupado.	
Incapacidade para apresentar remorso ou vergonha	Parece não ter capacidade de sentir culpa, e acaba culpando outras pessoas por erros pelos quais tem responsabilidade.	Afetiva
Ausência de alucinações e outros sinais de pensamento irracional	Não apresenta alucinações e delírios, e é capaz de reconhecer o que fez de errado.	Comportamental
Conduta antissocial sem aparente justificação	Propensão para cometer crimes ou romper normas morais em prol de pequenos ganhos.	Comportamental
Dificuldade para aprender com a experiência	Mesmo não apresentando falhas de raciocínio aparente, não consegue aprender com a experiência, voltando a cometer os mesmos erros.	Comportamental
Conduta exagerada e desagradável sob efeito de álcool e, às vezes, sem ele	Sob o efeito de álcool (mesmo em pequenas doses) emergem comportamentos chocantes e inexplicáveis. O mesmo efeito não é visto em pessoas comuns que bebem na mesma proporção.	Comportamental
Ameaças de suicídio constantes, raramente consumadas.	Apesar de as ameaças serem frequentes, é raro que realmente tente o suicídio. Ainda assim, o paciente pode encená-lo em diversas oportunidades como meio de conseguir algo.	Comportamental
Incapacidade para seguir qualquer plano de vida	Não consegue seguir um plano para alcançar uma meta honesta ou criminosa. Ao menor impulso, desvia-se do caminho a ser traçado para alcançar o objetivo.	Comportamental

Nota: Tabela criada com base em Cleckley (1951)

*Classificação feita pela autora.

Os critérios de Cleckley são uma descrição clássica da psicopatia, mas não devem ser tomados como a palavra final sobre o assunto. Recentemente, Crego e Widiger (2015) reavaliaram os 15 estudos de caso utilizados por Cleckley para caracterizar seu psicopata típico. Como resultado, percebeu-se que de fato os 15 casos pontuaram alto ao utilizar a lista de Cleckley como referência. Porém, ficou evidente que algumas características apontadas como centrais não eram tão comuns nos estudos de caso de Cleckley. Por exemplo, as ameaças de suicídio constantes foram observadas em apenas três casos. A vida sexual impessoal, frívola e pouco estável esteve presente apenas nos dois casos de mulheres psicopatas. Por fim, a conduta exagerada e desagradável sob efeito de álcool foi observada em apenas um dos casos. Crego e Widiger (2015) apontaram que essas condutas podem ter sido valorizadas na descrição por conta do impacto social e pessoal que causaram na época. Tal reavaliação também considerou a psicopatia sob a ótica do modelo dos cinco grandes fatores concluindo que há um baixo neuroticismo nas facetas de autoconsciência, vulnerabilidade e ansiedade, mas também de alto neuroticismo no caso da impulsividade, alta extroversão e abertura (Crego & Widiger, 2015).

O estudo de Crego e Widiger (2015) possibilitou ainda identificar outras características presentes nos casos, mas não citadas na lista de critérios de Cleckley. Entre elas: audácia (*boldness*) ou ausência de medo (*fearlessness*), baixa ansiedade, resiliência, despreocupação, manipulação, criminalidade, falta de empatia, insinceridade/falsidade, rebeldia, frieza, crueldade, agressividade, raiva, insociabilidade (*meanness*) e arrogância. Esse estudo é importante, pois revisita o mais relevante conceito teórico da história da psicopatia, e aborda diferentes aspectos de seus estudos de caso que são a base para o relativo consenso teórico sobre a psicopatia.

Não obstante, o trabalho de Cleckley é um marco histórico porque, a partir dele, passou-se a desenvolver diversas hipóteses e modelos teóricos para entender as causas e/ou origem dos traços psicopáticos (Arrigo & Shipley, 2001). Como se verá a seguir, os modelos explicativos para a estrutura latente da psicopatia podem ser divididos em duas perspectivas: categórica (classes latentes) e dimensional (fatores). As próximas duas seções apresentam algumas das principais propostas para cada caso.

Modelos categóricos da psicopatia

Um dos principais modelos categóricos é o de Karpman, que divide a psicopatia em primária (psicopata idiopático, não ansioso ou psicopata verdadeiro) e secundária (psicopata sintomático, ansioso ou pseudopsicopata) (Falkenbach, 2008). Tal modelo propõe a ansiedade como sendo uma característica central nessa divisão. Os psicopatas primários teriam um déficit afetivo constitucional, enquanto, nos psicopatas secundários, esse déficit proviria de aprendizagem social (Falkenbach, 2008). Assim, os primeiros seriam incapazes de experimentar ansiedade, o que não aconteceria com os psicopatas secundários. Essa divisão assume que os psicopatas não ansiosos teriam mais proximidade com traços narcisistas, e psicopatas ansiosos estariam mais propensos a comorbidades como transtornos relacionados ao abuso de substâncias e traços *borderline* e antissocial.

Ambos os tipos de psicopatas se apresentam fenotipicamente semelhantes quanto ao comportamento antissocial, mas sendo genotipicamente diferentes. Isso quer dizer que as características e comportamentos desviantes observáveis seriam os mesmos ou, ao menos, bastante similares, porém com origem diferente. Nesse sentido, a psicopatia primária teria uma maior base genética e, portanto, comporia uma categoria de pessoas distinguível das demais naturalmente, o que a literatura chama de “*taxon*” (Olver, Sewall, Sarty, Lewis, & Wong, 2015).

Os termos psicopatia “primária” e “secundária” parecem, ambos, referir-se à psicopatia descrita por Cleckley (1951) devido à similaridade fenotípica. No entanto, tendo em vista as diferenças constitucionais entre ambos, os teóricos que defendem uma visão categórica optaram por definir a psicopatia primária como psicopatia “verdadeira” e a psicopatia secundária como “pseudopsicopatia” (Mokros et al., 2015).

Essas definições têm em comum o fato de separarem os psicopatas em tipos com características semelhantes. Essa taxonomia motivou diversos estudos empíricos na área, que buscaram resgatar esses grupos teoricamente descritos. Em estudo clássico, Blackburn (1975) utilizou análises de *clusters* para identificar grupos de psicopatas, encontrando uma solução bastante coerente com a perspectiva de Karpman. Desde então, métodos de agrupamento de casos têm sido bastante utilizado para tal finalidade, em geral, recuperando grupos bastante similares à diferenciação psicopatia primária-secundária (Falkenbach, 2008; Hicks & Patrick, 2011; Olver et al., 2015). Por exemplo, recentemente, Mokros et al. (2015) realizaram uma análise de classes latentes para entender se há tipos diferentes de psicopatas, utilizando escores de 1.451 prisioneiros com alta pontuação no PCL-R. A análise com melhor ajuste foi a de três classes latentes, que eles denominaram de psicopatia, pseudopsicopatia e sociopatia (equivalente ao Transtorno de Personalidade Antissocial – TPA). Os grupos de psicopatas (primários) e pseudopsicopatas (secundários) apresentaram escores mais altos nas facetas afetiva, interpessoal e estilo de vida (facetadas 1, 2 e 3 do PCL-R, respectivamente) que o grupo de sociopatas (prisioneiros comuns, menos agressivos). Entretanto, os psicopatas apresentaram pontuação mais alta nas facetadas afetiva e interpessoal que os pseudopsicopatas.

Considerando essa divisão por um ângulo evolucionista, os psicopatas primários integrariam um grupo de parasitas sociais, aproveitando-se das características colaborativas

das sociedades humanas, sendo possível fruto da seleção natural. Vale ressaltar que psicopatas primários tendem a ocorrer em baixa prevalência, pois tais características só seriam vantajosas quando a maioria dos indivíduos não apresenta esse fenótipo (Ribeiro, Rijo, & Salekin, 2015). Por outro lado, os psicopatas secundários teriam suas características interpessoais moldadas em ambientes nos quais o comportamento antissocial seria mais vantajoso, sendo encontrados mais facilmente em ambientes de pobreza (Ribeiro et al., 2015). Psicopatas secundários seriam capazes de “ativar e desativar” respostas emocionais como a empatia em resposta à presença constante de eventos estressores no desenvolvimento (Olver et al., 2015). Ou seja, de maneira geral, a visão evolucionista repele a ideia de que a psicopatia seja um transtorno, e favorece a perspectiva alternativa de que esses traços foram, potencialmente, úteis em algum momento da evolução da espécie humana, ainda que, atualmente, possam não ser adaptativos em variados contextos (Glenn, Kurzban, & Raine, 2011).

Bases neurológicas também têm sido utilizadas para explicar a psicopatia, por exemplo, o Sistema de Inibição Comportamental (*Behavior Inhibition System* - BIS) e o Sistema de Aproximação Comportamental (*Behavior Approach System* - BAS). Esses sistemas funcionam de maneira independente, porém uma falha conjunta pode ser a causa de traços de psicopatia. O BIS é responsável pela inibição de comportamentos (autocontrole). O reduzido funcionamento desse sistema leva a uma dificuldade de inibição de comportamentos fazendo com que a pessoa tenha uma baixa responsividade à punição. Isto quer dizer que, mesmo frente à possibilidade de uma punição, o comportamento não é inibido se houver um incentivo ocorrendo como meta, simultaneamente. Esse mecanismo estaria intimamente ligado a características como insensibilidade, frieza, falta de remorso ou culpa, entre outras. O BAS, por sua vez, está relacionado à aproximação de estímulos

positivos. O elevado funcionamento do BAS gera uma alta responsividade a recompensas e está fortemente relacionado a características como impulsividade (Fowles & Dindo, 2009). Essas alterações neurobiológicas foram utilizadas para embasar um modelo taxônico da psicopatia: na psicopatia primária, haveria um baixo funcionamento do BIS, enquanto que, na psicopatia secundária, haveria uma hiperatividade no BAS (Lykken, 1995).

Modelos dimensionais da psicopatia

Atualmente, existe uma tendência a considerar modelos dimensionais para os traços de personalidade. Mesmo o manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5 -APA, 2013), que é tradicionalmente categórico, traz, em sua nova versão, um modelo híbrido, que busca conciliar o diagnóstico categórico a uma abordagem dimensional (Esbec, 2015). A seção III do DSM-5 considera, enquanto uma classificação alternativa, que os transtornos de personalidade são extremos desadaptativos dos fatores amplos da personalidade. Embora sem descartar a classificação categórica, o DSM-5 deu o primeiro passo em direção a uma abordagem dimensional dos transtornos da personalidade.

Uma visão dimensional dos transtornos de personalidade tem se mostrado cada vez mais necessária para explicar diversos fenômenos clínicos. Por exemplo, algumas vezes, o paciente experimenta intenso sofrimento psíquico e prejuízo em diversos aspectos de sua vida, havendo claros indícios da presença de um transtorno da personalidade, mas não preenche os critérios diagnósticos para nenhum transtorno. Isso acontece com a psicopatia, que mesmo trazendo prejuízos em vários aspectos da vida não é considerada um transtorno pelo DSM e pela Classificação Internacional de Doenças (CID) em suas versões atuais (e anteriores).

Uma inovação nesse sentido é o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) com traços de psicopatia, descrito na seção III do DSM-5. De acordo com a seção III, o TPA é

caracterizado como dificuldades nos aspectos de duas ou mais áreas, identidade, autodirecionamento (planejamento), empatia e intimidade, e pelo menos seis de sete traços: manipulação, frieza, sedução, hostilidade, comportamentos arriscados, impulsividade e irresponsabilidade. Os especificadores de psicopatia são características não necessárias para o diagnóstico de TPA isoladamente, mas cruciais para a identificação do subgrupo de indivíduos antissociais com traços psicopáticos. Esses especificadores são falta de ansiedade ou medo, estilo interpessoal ousado e altos níveis de busca por atenção (APA, 2013).

Diversos outros trabalhos empíricos também sustentam uma concepção dimensional da psicopatia, a maioria dos quais baseados em análises fatoriais. Na análise fatorial, fatores são dimensões não observadas que são manifestas e avaliadas por meio de comportamentos observáveis. Há uma diversidade de modelos dimensionais para a psicopatia. Entre eles, os mais consensuais são os de dois, três e quatro fatores, o modelo triárquico e a Tríade Sombria da Personalidade.

O modelo de dois fatores foi proposto a partir de estudos com o *Psychopathy Checklist* (PCL - Hare, 1991), uma entrevista clínica que produz informação para pontuar uma escala de 20 critérios. Esse modelo propõe que o fator 1, fator central da psicopatia, está ligado a características afetivas e interpessoais tais como falta de culpa e empatia, frieza e insensibilidade emocional e baixa ansiedade. Já o fator 2 está ligado a características comportamentais como impulsividade e comportamentos antissociais, como ilustrado na Figura 1.

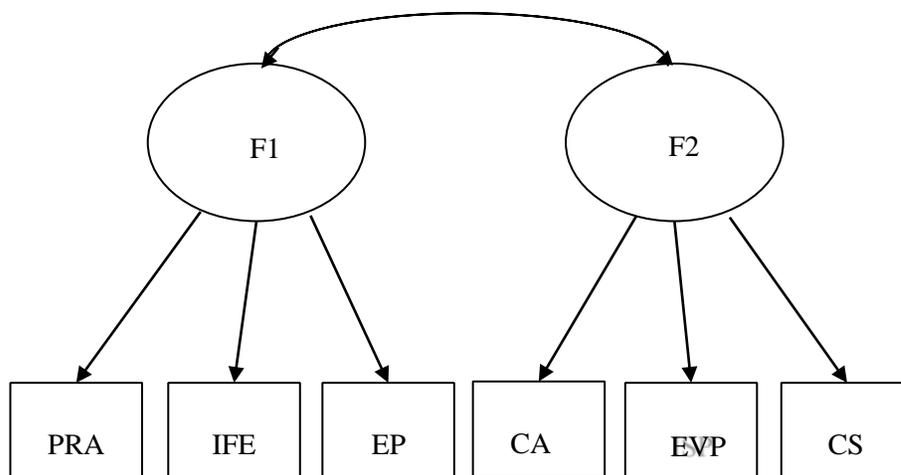


Figura 1. Diagrama explicativo do modelo de dois fatores

Nota: PRA=pobres relações afetivas; IFE=insensibilidade e frieza emocional; EP=egocentrismo patológico; CA=conduta antissocial; EVP= estilo de vida parasitário; CS=charme superficial.

Esse modelo de dois fatores se conecta também aos sistemas neuropsicológicos descritos na seção anterior. Fowles e Dindo (2009) utiliza sistemas neurológicos para explicar as alterações interpessoais, afetivas e comportamentais da psicopatia a partir de dois fatores, sem esboçar uma divisão em classes latentes, como o fez Lykken (1995). O modelo dual de Fowles e Dindo (2009) propõe que o fator 1 (interpessoal e afetivo) é fruto de um reduzido funcionamento do *Behavior Inhibition System* (BIS), que leva à baixa responsividade à punição e às demais alterações interpessoais e afetivas do modelo. Por outro lado, o fator 2 estaria relacionado a um elevado funcionamento do *Behavior Approach System* (BAS), motivo pelo qual esse fator se conecta às características impulsivas de estilo de vida e conduta antissocial.

Além de explicar a psicopatia, o modelo dual pode ser utilizado para entender vários outros tipos de comportamentos antissociais, incluindo comportamentos criminosos e mesmo estilo de pensamento criminoso. Isso porque as duas dimensões mapeiam duas tendências a comportamentos agressivos distintos: instrumentais e reativos. A agressão proativa ou instrumental, intimamente relacionada ao fator 1, é caracterizada quando a

agressividade é um meio para algo, por exemplo, em um assalto. Já na agressão reativa ou hostil, mais próxima do fator 2, a agressão ocorre motivada por afetos negativos e tem como finalidade causar dano, como ocorre, por exemplo, em um crime passional. Walters (2008) encontrou sustentação para esse modelo de dois fatores quando analisou, conjuntamente, dados de diversos instrumentos para mensurar psicopatia (*Levenson's Self-Report Psychopathy – LSRP*), estilo de pensamento criminoso (*Psychological Inventory of Criminal Thinking Styles – PICTS*) e agressividade (*Antisocial Features Scale – ANT – do Personality Assessment Inventory – PAI*), além informações demográficas. Os resultados de seu estudo apontam que o primeiro fator está relacionado a déficits no BIS e o segundo à reatividade acentuada no BAS.

Alternativamente, Cooke e Michie (2001) propuseram um modelo de três fatores (ver Figura 2), no qual o fator 1 está ligado ao estilo interpessoal arrogante, o fator 2 corresponde ao afeto deficiente e o fator 3 que explica o comportamento impulsivo e irresponsável. Assim, o fator 1 do PCL-R foi dividido em dois. A característica principal desse modelo é sua ênfase em traços de personalidade, e não no comportamento criminoso, evitando o uso de indicadores mais atrelados a populações carcerárias.

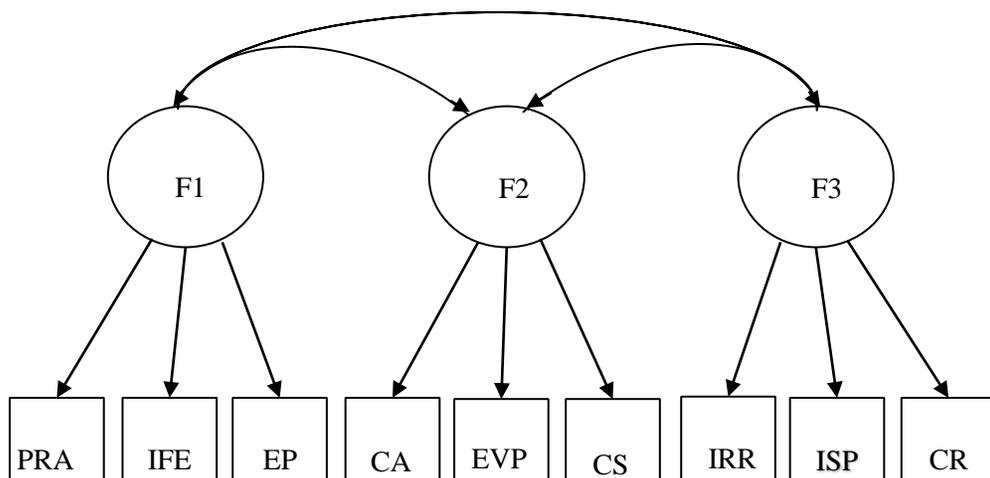


Figura 2. Diagrama explicativo do modelo de três fatores

Nota: PRA=pobres relações afetivas; IFE=insensibilidade e frieza emocional; EP=egocentrismo patológico; CA=conduta antissocial; EVP= estilo de vida parasitário; CS=charme superficial; IRR=irresponsabilidade; ISP=incapacidade de seguir plano de vida; CR=comportamentos de risco (para si e para outros)

Em defesa de seu modelo de dois fatores, Hare, aplicou a mesma divisão ao fator estilo de vida-antisocial, rendendo dois fatores com quatro facetas correlacionadas (Vitacco et al., 2005). A faceta 1 corresponde ao relacionamento interpessoal, a faceta 2 explica os déficits afetivos, a faceta 3 está ligada ao estilo de vida, e a faceta 4 corresponde aos comportamentos antissociais (como ilustrado na Figura 3). Nesse modelo, as facetas 1 e 2 estão correlacionadas ao fator 1 e as facetas 3 e 4 ao fator 2 da psicopatia.

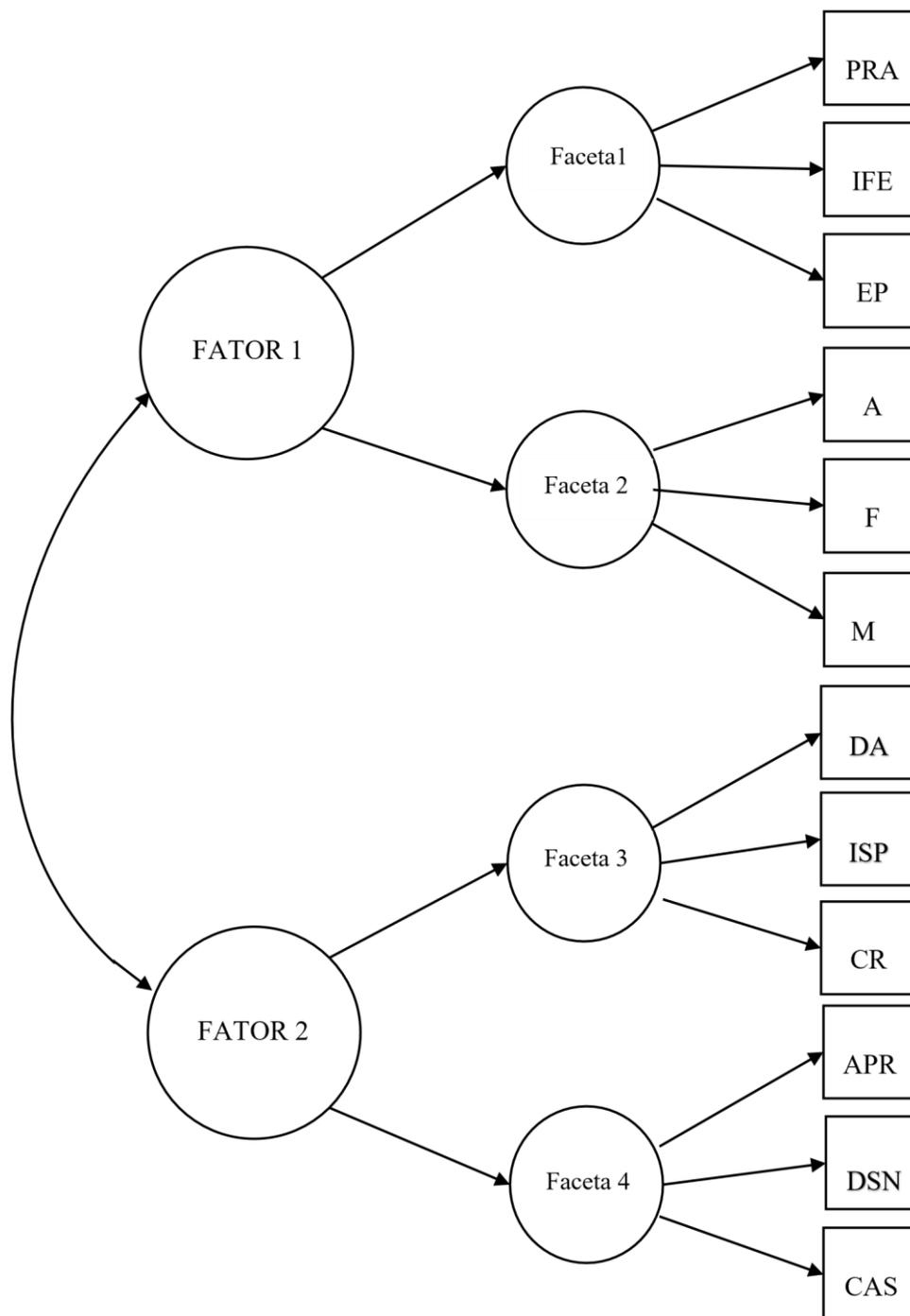


Figura 3. Diagrama explicativo do modelo de quatro facetas

Nota: PRA=pobres relações afetivas; IFE=insensibilidade e frieza emocional; EP=egocentrismo patológico; A=antagonismo a outras pessoas; F=falsidade; M=manipulação; DA=dificuldade de aprender com a experiência; ISP=incapacidade de seguir plano de vida; CR=comportamentos de risco (para si e para outros); APR=agressão proativa e reativa; DSN=dificuldade de seguir normas; CAS=conduta antissocial

O modelo triárquico da psicopatia (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009), por sua vez, acrescenta a ausência de ansiedade (audácia) como uma dimensão geral adicional da psicopatia, dando assim um papel mais central à função da ansiedade na psicopatia. Audácia (*boldness*), Desinibição (*disinhibition*) e Insociabilidade (*meanness*) seriam as características constituintes do construto, como ilustrado na Figura 4. A Audácia está ligada à ausência de medo, baixa ansiedade e busca por situações de risco. A Desinibição se refere à dificuldade de inibir comportamentos, ao baixo autocontrole, agressões reativas, problemas de uso e abuso de álcool e outras drogas – ou seja, semelhante ao fator estilo de vida e antissocial do modelo de dois fatores. A insociabilidade está relacionada à falta de empatia e laços sociais, crueldade e agressão instrumental – semelhante ao fator interpessoal e afetivo do modelo de dois fatores.

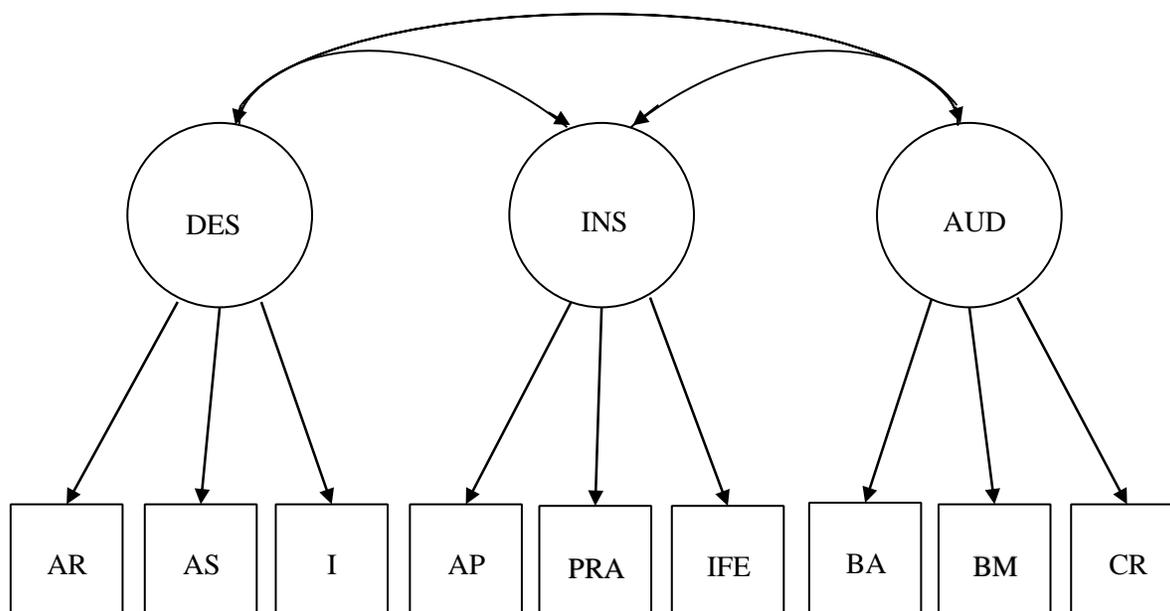


Figura 4. Diagrama explicativo do modelo triárquico da psicopatia

Nota: DES=desinibição; INS=insociabilidade; AUD=audácia; AR=agressão reativa; AS=abuso de substâncias; I=impulsividade; AP=agressão proativa; PRA=pobres relações afetivas; IFE=insensibilidade e frieza emocional; BA=baixo medo; BA=baixa ansiedade; CR=comportamentos de risco (para si e para outros).

A tríade sombria da personalidade (Jonason & Webster, 2010) difere dos modelos já apresentados, pois integra, à psicopatia, um conjunto de traços mal adaptativos de narcisismo

e maquiavelismo (como ilustrado na Figura 5). O narcisismo se refere a características como senso de grandiosidade, dominância e enaltecimento, enquanto o maquiavelismo está mais relacionado à manipulação. Existem instrumentos para avaliar estes conjuntos de traços de forma separada. Porém, devido às características similares como insensibilidade, frieza emocional, duplicidade ou falsidade e agressividade (núcleo insensível comum) criou-se instrumentos para avalia-los de forma integrada. O primeiro instrumento criado para esse fim foi o *Dirty Dozen* (Jonason & Webster, 2010) composto por 12 itens em escala Likert que considera que estes traços são facetas de uma única variável latente. Esse instrumento será empregado no presente estudo para fornecer informação sobre os três aspectos. Como observado na Figura 5, a tríade sombria da personalidade é entendida a partir de um modelo bifator no qual as características são explicadas simultaneamente, por um fator geral de exploração e insensibilidade, e por três fatores específico, narcisismo, maquiavelismo e psicopatia.

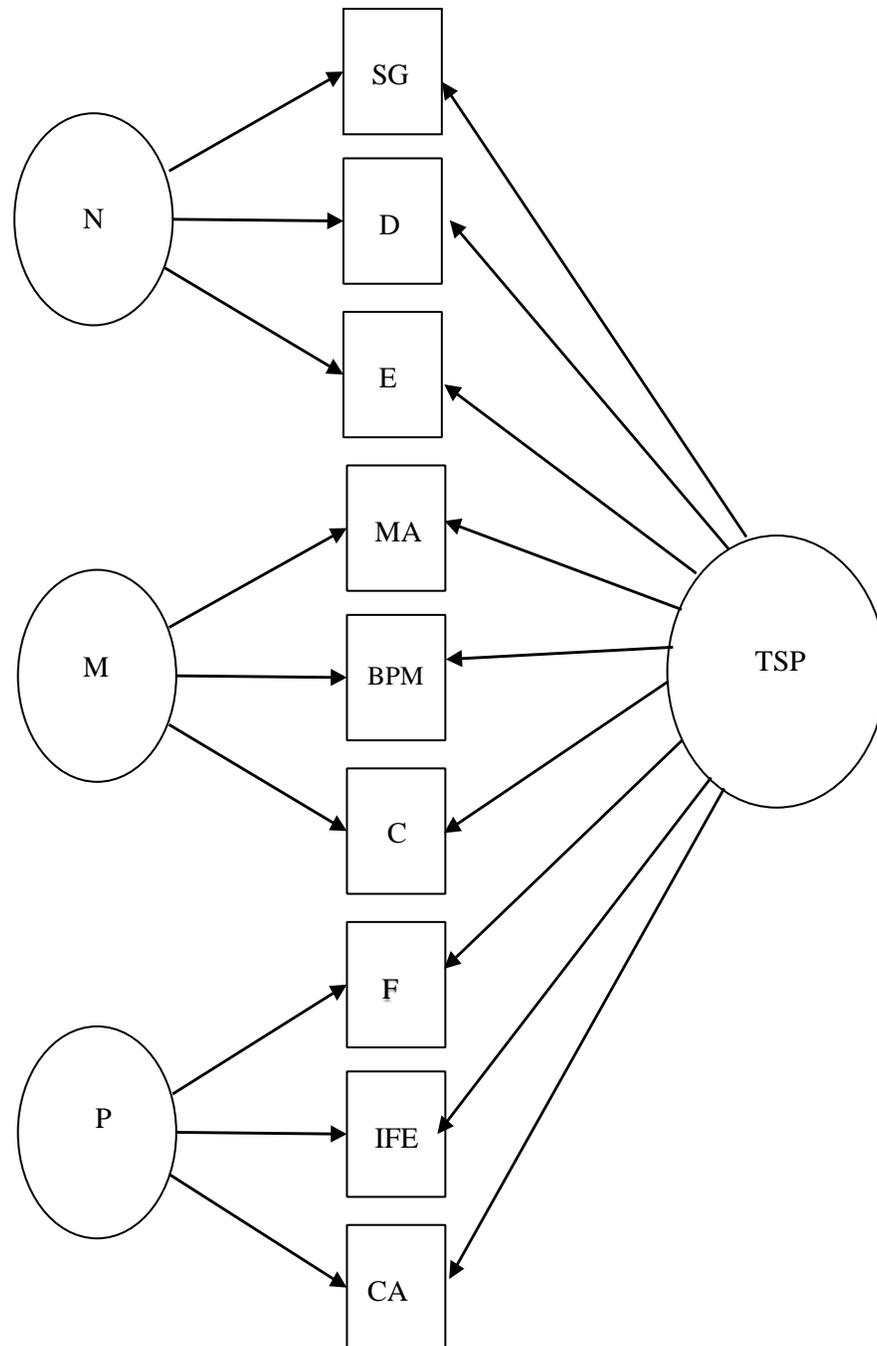


Figura 5. Diagrama explicativo da Tríade Sombria da Personalidade

Nota: TSP= tríade sombria da personalidade; N= narcisismo; M= maquiavelismo; P= psicopatia; SG= senso de grandiosidade; D= dominância; E= enaltecimento; MA= manipulação; BPM=baixa preocupação moral; C=cinismo (visão pessimista do ser humano como motivo para a exploração interpessoal); F= falsidade; IFE=insensibilidade e frieza emocional; CA= comportamento antissocial;

Análise taxométrica

Em suma, os diversos modelos disponíveis podem ser classificados em duas perspectivas principais concorrentes de entendimento da psicopatia: a categórica e a dimensional. Essa dualidade pode deixar o pesquisador confuso acerca de qual a melhor abordagem para a psicopatia, causando a impressão de que se trata, meramente, de uma questão de escolher uma delas a partir de sua preferência pessoal. No entanto, avanços em análises estatísticas permitiram a possibilidade de solucionar questões desse tipo sobre a natureza da estrutura latente dos atributos psicológicos. O método taxométrico é uma avançada análise estatística, e é utilizado para identificar se a estrutura latente presente nos dados da amostra se enquadra em um perfil categórico (*taxon*) ou dimensional.

O método taxométrico foi desenvolvido por Meehl nos anos 1960 (Meehl, 1968) com o procedimento denominado HITMAX, tendo evoluído desde então. Na década de 1990, surgiram os estudos que embasaram o uso dos procedimentos mais utilizados nos dias atuais. As técnicas mais utilizadas são os métodos *Maximum Eigenvalue* (MAXEIG) e *Latent Model* (L-Mode), além do Mean Above Minus Below A Cut (MAMBAC) e MAXCOV. Ruscio, Walters, Marcus e Kaczetow (2010) conduziram a primeira investigação rigorosa sobre a capacidade desses métodos de distinguir entre dados oriundos de populações com estrutura latente dimensional e categórica. Os autores simularam 100.000 dados categóricos e dimensionais a fim de verificar o desempenho desses diferentes métodos taxométricos. O estudo concluiu que essas técnicas possuem elevada acurácia (entre 92,3 e 96,3% de precisão), sugerindo que podem ser utilizados para identificar a natureza de dados como variáveis psicológicas.

O MAMBAC utiliza dois indicadores, e cria uma série de cortes ao longo de um indicador, para comparar as diferenças de pontuações médias no segundo indicador para casos acima e abaixo de cada corte no primeiro indicador. A análise realizada pelo

MAMBAC gera gráficos que permitem compararmos a curva dos dados com o padrão esperado de curvas hipotéticas dimensionais e categóricas (Walters, Brinkley, Magaletta, & Diamond, 2008). Por meio da comparação entre os gráficos, é possível determinar a natureza dos dados inseridos. A Figura 6 demonstra a comparação feita pelo MAMBAC entre os dados do pesquisador (linha preta) e o padrão esperada para cada caso (linha cinza) a partir da simulação de dados categóricos (*Categorical Comparison Data*) e dimensionais (*Dimensional Comparison Data*). Observa-se que, no exemplo, os dados analisados se ajustam melhor à curva esperada para dados dimensionais.

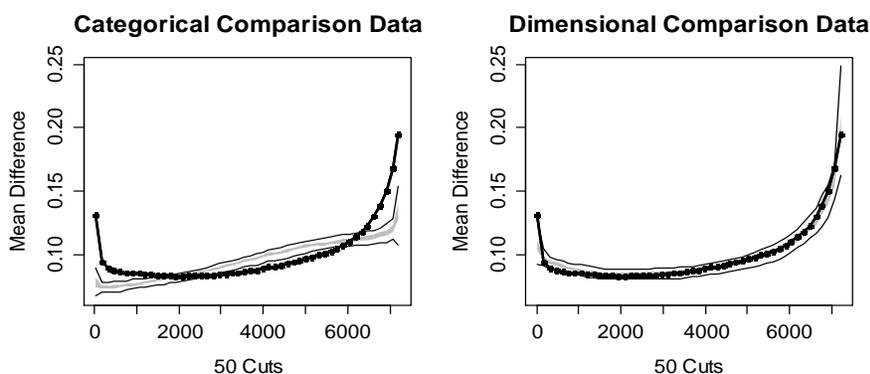


Figura 6. Análises utilizando o método MAMBAC

O MAXEIG, por meio de três indicadores de cada vez, agrupa os dados para avaliar o grau de associação entre as variáveis utilizadas no estudo, também gerando gráficos de comparação categórico e dimensional assim como o MAMBAC. A ideia é plotar a correlação entre os dois primeiros indicadores em função de uma série de cortes progressivos efetuados no terceiro indicador. Caso a análise dos subgrupos demonstre a existência de uma categoria, o gráfico gerado terá um pico; já para um construto dimensional, a curva gerada é plana, irregular ou côncava. A Figura 7 demonstra a comparação feita pelo MAXEIG entre os dados empíricos (linha preta) e os dados simulados (linha cinza) categóricos *Categorical*

Comparison Data) e dimensionais (*Dimensional Comparison Data*). Observa-se que os dados analisados se ajustam melhor à curva simulada para dados dimensionais.

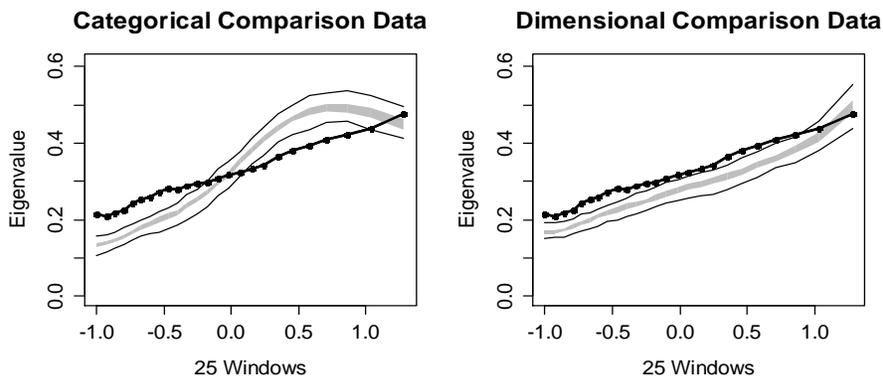


Figura 7. Análise utilizando o método MAXEIG

O L-Mode realiza uma análise fatorial, usando no mínimo três indicadores, e produz a distribuição dos escores latentes no fator. Um gráfico bimodal é sugestivo da presença de duas distribuições distintas, sendo considerado evidência da presença de uma *taxon* ou classe latente de indivíduos, enquanto uma distribuição unimodal é evidência de um contínuo generalizável à população dos indivíduos (Walters et al., 2008). Na Figura 8, observamos que a comparação feita pelo L-Mode entre os dados empíricos (linha preta) os dados simulados (linha cinza) categóricos (*Categorical Comparison Data*) e dimensionais (*Dimensional Comparison Data*) produziu um melhor ajuste para um modelo dimensional.

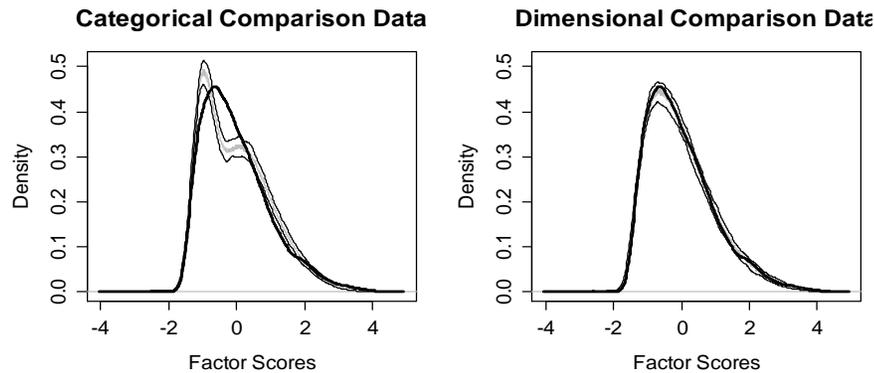


Figura 8. Análise utilizando o método L-mode.

Além da comparação gráfica, utiliza-se o índice de ajuste da curva de comparação (CCFI), calculado a partir da raiz quadrada da média dos resíduos (RMSR) estimados para cada modelo. Os resíduos se referem aos desvios da linha preta (empírica) em relação à curva produzida pelos dados simulados (área cinza), de modo que a fórmula (1) demonstra como obter o índice de ajuste (Walters et al., 2008).

$$CCFI = \frac{\text{Ajuste RMSR}_{\text{dimensional}}}{\text{Ajuste RMSR}_{\text{dimensional}} + \text{Ajuste RMSR}_{\text{categórico}}} \quad (1)$$

O CCFI varia de 0 a 1. Um CCFI de 0,5 sugere ajuste ambíguo entre os dados do pesquisador e os dados simulados categóricos ou dimensionais, ou seja, impossibilita determinar com precisão a natureza dos dados. Valores menores que 0,5 indicam uma estrutura dimensional, e valores superiores a 0,5 indicam uma estrutura categórica (Walters et al., 2008). Recomenda-se, de acordo com um estudo de simulação de dados, interpretar como dimensionais valores abaixo de 0,40, e como categóricos valores acima de 0,60, considerando os resultados ambíguos se estiverem dentro do intervalo 0,40—0,60. Essa

diretriz produz uma acurácia de 99,2, 98,9 e 97,9% para MAMBAC, L-Mode e MAXEIG, respectivamente (Ruscio et al., 2010).

Um bom estudo taxométrico deve utilizar mais de um procedimento taxométrico, e amparar as conclusões na análise de curvas de comparação (Walters, 2012). O MAMBAC e o MAXEIG são baseados em cortes cinéticos, ou seja, diversos pontos de corte ao longo dos dados. Como MAMBAC, MAXEIG e L-Mode são procedimentos baseados em uma fundamentação matemática distinta e não redundante, o mais indicado é usar todos os três métodos. Dessa forma, os resultados de cada um complementam os demais, produzindo evidências mais confiáveis, algo denominado na área como “testagem por consistência”. A testagem por consistência é, por tanto, o uso conjunto de diferentes métodos, e não exatamente o emprego de um teste estatístico—algo indisponível no momento.

A análise taxométrica não é um substituto da análise fatorial ou da análise de classes latentes, mas sim uma etapa prévia para decidir por qual das duas perspectivas optar. A razão para essa inspeção prévia via análise taxométrica ocorre por conta de que técnicas de análise fatorial conseguem extrair fatores mesmo de dados categóricos, e técnicas de análise de *cluster* encontram grupos ou classes latentes mesmo em dados dimensionais (Walters, 2012). Em outras palavras, os métodos tradicionais não necessariamente resolvem a questão de se a melhor estratégia de modelagem de uma variável psicológica latente é categórica ou dimensional. Conhecer a existência de classes ou fatores é importante para a construção do conhecimento científico, para a mensuração do conceito estudado, tratamento e prognóstico (Lenzenweger, 2004).

Entretanto, a análise taxométrica não deve ser realizada indiscriminadamente. Ao utilizar esse método bastante sofisticado, deve-se atentar para a relevância de tal estudo, especialmente se existe mesmo um debate teórico dimensional \times categórico ainda não

resolvido na literatura (Lenzenweger, 2004). Como alternativa ao modelo dimensional, deve também existir um modelo teórico bem definido que indique implícita ou explicitamente uma categoria, e que a identificação ou não de uma taxon responda a questões importantes de etiologia e tratamento (Walters, 2012). Isso ocorre no estudo da psicopatia. Evidências de análise fatorial favorecem a modelagem dimensional da psicopatia (Fowles & Dindo, 2009; Lykken, 1995; Vitacco et al., 2005), enquanto outras investigações sugerem a existência de grupos de indivíduos (Hicks & Patrick, 2011; Mokros et al., 2015; Olver et al., 2015). Portanto, estudos taxométricos se fazem necessários para esclarecer a natureza da psicopatia.

Apesar de os modelos dimensionais se basearem no PCL-R, há um debate sobre o comportamento antissocial como fator central da psicopatia. Skeem e Cooke (2010) apontaram que caracterizar este aspecto como fundamental torna-se complexo visto que a principal dificuldade na mensuração da psicopatia é a abordagem da agressividade como sendo central para a definição desta. O PCL-R mensura esta dimensão unicamente através de comportamentos agressivos, o que resulta em uma mensuração redundante e tautológica—já que a psicopatia é inferida a partir dos indicadores de violência para ser então tomada como a causa dessa mesma violência.

Críticas como essa geram a necessidade de entender a atual conjuntura das pesquisas sobre a estrutura latente da psicopatia. Com isso, o primeiro estudo desta dissertação tem por objetivo realizar uma revisão sistemática na base de dados PsycINFO a fim de resgatar estudos que tenham investigado a estrutura latente da psicopatia por meio de métodos taxométricos. Após este estudo preliminar, realizar-se-á uma análise taxométrica de indicadores de psicopatia em uma amostra comunitária brasileira de adultos. Pretende-se suprir as falhas metodológicas identificadas em estudos anteriores (objeto de discussão no

artigo 1), tais como: a) usar MAMBAC, MAXEIG e L-Mode de forma conjunta para aumentar a acurácia desse método; b) empregar uma amostra comunitária; e c) fazer uso de diversos indicadores para as características que compõem a constelação da personalidade psicopática. Objetiva-se também contrastar os resultados do presente estudo com aqueles prévios conduzidos a partir de dados de amostras carcerárias.

ARTIGO I: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS TAXOMÉTRICOS DA PSICOPATIA

Resumo

A psicopatia é definida como uma propensão à falta de culpa e de empatia, além de grandiosidade, manipulação, impulsividade e comportamentos socialmente desviantes. Uma questão clássica na área diz respeito a se haveria uma categoria de pessoas “psicopatas” naturalmente diferentes das demais ou se todas as pessoas possuem traços de psicopatia, embora em diferentes níveis. O objetivo do presente trabalho foi conduzir uma revisão sistemática da literatura taxométrica acerca da natureza da personalidade psicopática. Para tanto, realizou-se uma busca na base de dados PsycINFO, Pubmed, Science Direct e Google Acadêmico com os descritores “*taxometric*” e “*psychopathy*”, “*taxometric analysis*” e “*psychopathy*”, “*taxometric study*” e “*psychopathy*”. Foram localizados 21 artigos (totalizando 23 estudos) incluindo análises taxométricas da psicopatia e também do Transtorno da Personalidade Antissocial—uma condição clínica com algumas similaridades com a psicopatia. Apenas quatro estudos foram conduzidos com amostras não carcerárias. MAMBAC, MAXEIG e L-Mode foram utilizados de forma combinada, seguindo as recomendações da literatura, em apenas oito casos. Quatorze estudos foram consistentes com um modelo dimensional, seis produziram resultados categóricos e dois ambíguos. Limitações foram encontradas, especialmente, naqueles estudos relatando resultados categóricos. Embora sem unanimidade, esta revisão sistemática sugere serem os modelos dimensionais de psicopatia mais ajustados aos dados do que os modelos categóricos concorrentes.

Palavras-chave: psicopatia; transtornos de personalidade; modelos estatísticos; estrutura latente.

Abstract

Psychopathy is defined as a propensity toward lack of guilt and empathy, grandiosity, manipulation, impulsiveness and deviant behavior. A remaining question in the field is whether psychopathy encompasses a category of "psychopaths" or instead a phenotypical continuum ranging in degrees. This study describes a systematic review with the aim of synthesize the available taxometric research about the nature of psychopathic personality. We performed a search on the PsycINFO, Pubmed, Science Direct and Scholar Google database by using the keywords "taxometric" and "psychopathy", "taxometric analysis" and "psychopathy", "taxometric study" and "psychopathy". Twenty-one papers were retrieved (23 studies) that reported taxometric analyses of psychopathy or Antisocial Personality Disorder—a clinical condition with some similarities to psychopathy. Only four studies analyzed data of participants from non-forensic settings. MAMBAC, MAXEIG and L-Mode were used in combination, following recommendations from the literature, in only eight studies. Findings from 14 studies were consistent with a dimensional approach, six were more supportive of a categorical model, and two were deemed ambiguous. Limitations were found in some of the studies, especially those reporting categorical results. Despite lacking unanimity, results from the present review of the literature suggest that dimensional models of psychopathy tend to fit better to the data than concurrent categorical models.

Keywords: psychopathy; personality disorders; statistical modeling; latent structure.

Introdução

A psicopatia é composta por uma constelação de traços desadaptativos de personalidade. Esses traços guardam algumas similaridades com o Transtorno de Personalidade Antissocial (Huchzermeier et al., 2007) como um estilo de vida parasitário, impulsividade, falta de autocontrole e uma propensão a cometer vigarices. Por outro lado, a personalidade psicopática contém características que a diferenciam como falta de empatia, a falta de apego e a incapacidade para amar. Diversos estudiosos identificaram este conjunto de traços e o descreveram usando alguns nomes diferentes até que o termo “Psicopatia” se tornou popular (Arrigo & Shipley, 2001). Muito embora exista um relativo consenso sobre os traços que compõem a constelação da personalidade psicopática, o mesmo não se pode dizer sobre a natureza de sua estrutura latente. Há evidências tanto sugerindo a existência de grupos de psicopatas a partir de classes latentes (Hicks & Patrick, 2011; Mokros et al., 2015; Olver et al., 2015), quanto de dimensões de psicopatia a partir de análises fatoriais (Fowles & Dindo, 2009; Lykken, 1995; Vitacco et al., 2005). A dificuldade em definir qual o melhor modelo reside justamente na natureza latente do fenômeno. O presente estudo busca lançar luz à questão da natureza latente da psicopatia realizando uma análise sistemática da literatura na área, resgatando estudos que tenham utilizado o método taxométricos para investigar a questão.

A análise taxométrica consiste em métodos de comparação gráfica os quais permitem averiguar se um determinado fenômeno latente é mais similar a um modelo hipotético dimensional ou categórico (McGrath & Walters, 2012). Os métodos taxométricos são vários (ver McGrath & Walters, 2012), e se baseiam em efetuar dicotomizações em um indicador e observar o efeito no comportamento dos demais indicadores, ocorre no caso do *Mean Above Minus Below a Cut* (MAMBAC), do *Maximum Covariance* (MAXCOV), e do *Maximum*

Eigenvalue (MAXEIG). O MAMBAC, por exemplo, usa dois indicadores de um construto, produzindo um gráfico das diferenças de médias produzidas em um dos indicadores ao serem construídos grupos a partir de dicotomizações ao longo dos diferentes níveis do outro indicador. Um gráfico convexo tende a indicar a presença de um grupo, com o pico ocorrendo na fronteira entre os grupos, local em que há uma diferença máxima de médias observadas. Um gráfico côncavo, em contrapartida, tende a indicar a não existência de grupos, mas sim de um contínuo. Outra técnica, o método *Latent Model* (L-Mode), é baseado em uma análise fatorial dos indicadores, possibilitando a inspeção da distribuição latente em busca de uma eventual estrutura bimodal, indicativa de classes latentes. O ponto em comum a todas essas técnicas é possibilitarem, de maneira complementar, endereçar a questão de se um atributo psicológico parece ser mais do tipo categórico ou dimensional.

Ruscio (2009) descreveu algumas pré-condições para um bom uso do método taxométricos. Dentre elas, menciona-se utilizar: bons instrumentos (com validade e fidedignidade) como indicadores do construto em questão, um número de participantes não inferior a 300 casos (melhor se for acima de 500), diferentes métodos taxométricos de modo complementar (MAMBAC, MAXEIG e L-Mode) e o índice de ajuste da curva (*Curve Comparison Fit Index ou CCFI*) para interpretar os resultados. O CCFI consiste na diferença dos resíduos entre os dados empíricos analisados e dados simulados para duas condições, dimensional e categórica. O CCFI varia de 0 a 1, sendo que valores abaixo de 0,40 indicam melhor ajuste ao modelo dimensional, valores de 0,40 a 0,60 são ambíguos, e acima de 0,60 indicam melhor ajuste ao modelo categórico.

Este estudo objetivou realizar uma revisão sistemática na base de dados PsycINFO (APA) em busca de estudos que tenham empregado o método taxométricos para investigar a

estrutura latente da psicopatia. O estudo buscou oferecer uma síntese do conhecimento na área, e também uma avaliação da qualidade metodológica dos estudos conduzidos até então.

Método

Estratégia de busca

Realizou-se uma busca nas seguintes bases de dados: PsycINFO (APA), nos dias 18 de setembro de 2015 e 24 de abril de 2016, Pubmed, no dia 30 de março de 2017, Science Direct, no dia 30 de março de 2017, e Google Acadêmico, nos dias 29 e 30 de março de 2017, com os descritores “*taxometric*” e “*psychopathy*”, “*taxometric analysis*” e “*psychopathy*”, “*taxometric study*” e “*psychopathy*”. Os artigos foram selecionados pelas informações do título e do resumo.

Crítérios de elegibilidade

Como critério de inclusão, interessaram apenas estudos taxométricos empíricos sobre psicopatia ou sobre Transtorno de Personalidade Antissocial – devido à proximidade desse último transtorno com o fator 2 da psicopatia (Huchzermeier et al., 2007). Foram incluídos artigos com amostras variadas, como adolescentes e adultos (homens e/ou mulheres), seja da população carcerária ou comunitária. Uma síntese dos procedimentos de busca é apresentada no fluxograma da Figura 9.

Extração dos dados

Após a identificação dos trabalhos relevantes, os metadados dos artigos foram organizados em uma tabela (ver Tabela 2 a seguir). As categorias utilizadas foram tipo de amostra, métodos taxométricos, instrumentos, CCFI médio e resultado principal do estudo. Como indicadores de qualidade metodológica, com base na literatura (Lenzenweger, 2004; Ruscio, 2009; Walters & Ruscio, 2010), consideramos utilizar os procedimentos taxométricos MAMBAC, MAXEIG e L-Mode de forma combinada, utilizar mais de um

instrumento de mensuração para melhor consistência da avaliação, amostra acima de 300 sujeitos para estabilidade das análises e usar CCFI, indicador mais confiável do que a comparação visual dos gráficos.

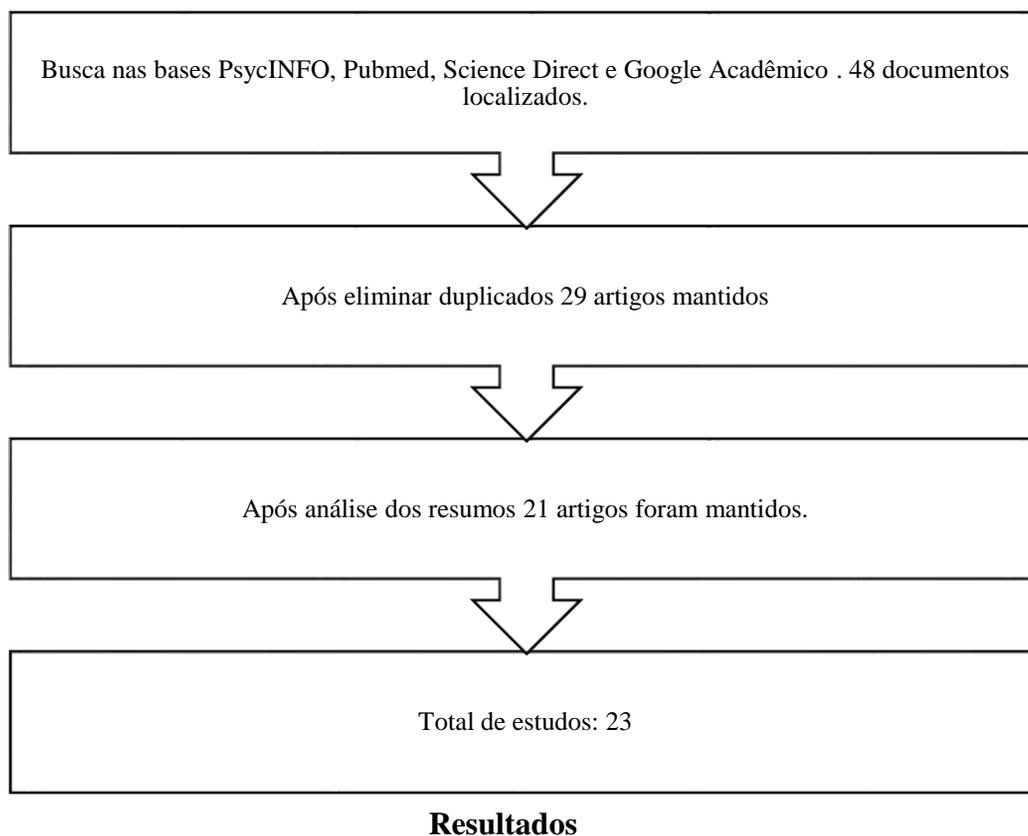


Figura 9. Fluxograma dos resultados

Foram localizados 21 artigos com um total de 23 estudos, todos publicados em Inglês, como apresentado na Tabela 2. Embora as recomendações encontradas na literatura sugiram o número mínimo entre 300 (Lenzenweger, 2004) e 500 (Ruscio et al., 2010) participantes como necessário para a estabilidade das análises taxométricas três estudos tiveram amostras menores (Walters, Diamond, et al., 2007; Walters et al., 2014 – estudo 1 n=254, estudo 2 n=161). A maior parte dos estudos (82,6%) foi composto por amostras forenses, apenas quatro estudos contaram com amostras de origem não-forense (Coid e Yang, 2008; Skilling,

Tabela 2

Revisão sobre Estudos Taxométricos

Autor/ano	Amostra	Características Investigadas	Tipos de Instrumento	Instrumentos	Métodos Taxométricos	Resultados
Coid e Yang (2008)	638 adultos da população geral	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato	PCL:SV	MAMBAC e MAXCOV	Ambíguo
Edens, Marcus, Lilienfeld e Poythress (2006)	876 homens presos ou em tratamento antidrogas	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato	PCL-R	MAMBAC, MAXEIG e LMode	Dimensional
Edens, Marcus, e Vaughn (2011)	723 jovens delinquentes	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Autorrelato	PPI-SF, APSD	MAMBAC, MAXCOV e LMode	Dimensional CCFI _{Médio} = 0,30
Guay et al. (2007)	4.865 criminosos de diversos ambientes forenses	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato	PCL-R	MAMBAC, MAXEIG e LMode	Ambíguo CCFI _{Médio} = 0,429
Harris, Rice e Quinsey (1994)	653 criminosos de uma penitenciária de segurança máxima	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato	PCL-R	MAXCOV	Catagórico

Autor/ano	Amostra	Características Investigadas	Tipos de Instrumento	Instrumentos	Métodos Taxométricos	Resultados
Harris, Rice, Hilton, Lalumie e Quinsey (2007)	512 criminosos sexuais	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato	PCL-R	MAMBAC, MAXCOV e MAXEIG	Categórico
Marcus, John e Edens (2004)	309 presos	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Auto e heterorrelato	PPI, PCL-R	MAMBAC, MAXEIG e LMode	Dimensional
Marcus, Lilienfeld, Edens e Poythress (2006)	1.146 homens presos (n=569) ou internados em tratamento para drogas (n=577)	Personalidade antissocial	Auto e Heterorrelato	SCID-II, PDQ-4	MAMBAC, MAXCOV, MAXEIG e LMode	Dimensional
Marcus, Ruscio, Lilienfeld e Hughes (2008)	6.795 homens e mulheres recrutados para estudo sobre genética do alcoolismo	Personalidade Antissocial	Heterorrelato	Seção TPA da Avaliação Semi-estruturada	MAMBAC, MAXEIG e L-Mode	Dimensional CCFI _{Médio} = 0,30
Murrie et al. (2007)	757 PCL:YV e 489 APSD infratores do sexo masculino	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Auto e Heterorrelato	PCL:YV, APSD	MAMBAC, MAXEIG, LMode	Dimensional

Autor/ano	Amostra	Características Investigadas	Tipos de Instrumento	Instrumentos	Métodos Taxométricos	Resultados
Skilling, Quinsey e Craig (2001)	1.111 estudantes adolescentes sexo masculino	Personalidade antissocial	Auto e heterorrelato	PCL-YV, CATS, itens de TC do DSM-IV	MAMBAC, GFI (<i>goodness-of-fit index</i>), MAXCOV	Categórico
Skilling, Harris, Rice e Quinsey (2002)	684 homens prisioneiros	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato	PCL-R, CATS (<i>Childhood and Adolescent Taxon Scale</i>) e critérios do DSM-IV para avaliação de transtornos de personalidade (ADP).	MAXCOV e MAMBAC	Categórico
Vasey, Kotov, Frick e Loney (2005)	Estudo 1: 326 crianças e adolescentes entre participantes pacientes clínicos e não pacientes. Estudo 2: Participantes do estudo 1 + 60 adolescentes com problemas com a justiça	Personalidade antissocial Fatores 1 e 2 da psicopatia	heterorrelato	APSD Subescalas da ASPD que avaliam traços psicopáticos	MAXCOV e MAMBAC MAMBAC, MAXCOV, MAXEIG e LMode	Categórico Categórico

Autor/Ano	Amostra	Aspectos contemplados	Tipos de Instrumento	Instrumentos	Métodos Taxométricos	Resultados
Walters, Diamond, et al. (2007)	289 internos de segurança máxima sexo masculino	Personalidade antissocial	Autorrelato	PAI, ANT	MAMBAC, MAXEIG, LMode	Dimensional CCFI _{Médio} = 0,358
Walters, Duncan e Mitchell-perez (2007)	409 internos de segurança máxima, média e mínima do sexo masculino	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato	PCL-R	MAMBAC, MAXEIG e LMode	Dimensional CCFI _{Médio} = 0,208
Walters, Gray, et al. (2007)	2.250 homens e mulheres pacientes psiquiátricos forenses e presos	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato	PCL-SV, PCL-R	MAMBAC, MAXEIG, LMode	Dimensional CCFI _{Médio} = 0,175
Walters et al. (2008)	1.972 prisioneiros homens e mulheres	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Autorrelato	LSRP	MAMBAC, MAXLOPE, MAXEIG e LMode	Dimensional CCFI _{Médio} = 0,179
Walters e Ruscio (2009)	Estudo 2 327 criminosos de uma penitenciária de segurança média	Personalidade antissocial	Heterorrelato	SCID-II	MAMBAC, MAXCOV MAXEIG	Dimensional CCFI _{Médio[T]} =0,373 CCFI _{Médio[R]} =0,414
Walters, Marcus e Edens (2011)	503 ofensores sexuais sexo masculino	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato	PCL-R	MAXCOV, MAMBAC, LMode	Dimensional CCFI _{Médio} = 0,157

Autor/Ano	Amostra	Aspectos contemplados	Tipos de Instrumento	Instrumentos	Métodos Taxométricos	Resultados
Walters (2014)	1.162 delinquentes sexo masculino	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Auto e Heterorrelato	PCL:SV, YPI	MAXCOV, MAMBAC, LMode	Dimensional CCFI _{Médio} = 0,278
Walters et al. (2014)	Estudo 1: 254 presos do sexo masculino Estudo 2: 161 adolescentes infratores sexo masculino	Fatores 1 e 2 da psicopatia	Heterorrelato e marcadores biológicos	PCL-R, PCL:YV e exames de ressonância magnética para determinar o volume e concentração de massa cinzenta	MAMBAC, MAXCOV, LMode	Dimensional Dimensional CCFI _{Médio} = 0,285

Quinsey e Craig, 2001; Vasey, Kotov, Frick e Loney, 2005 – estudo 1; Marcus, Ruscio, Lilienfeld e Hughes, 2008).

Dentre todos os estudos encontrados, apenas oito utilizaram MAMBAC, MAXEIG e L-Mode de forma combinada seguindo as recomendações de (Ruscio et al., 2010) para melhorar a acurácia dos resultados. Quinze utilizaram o MAMBAC, doze utilizaram o L-Mode, oito utilizaram o MAXCOV, oito utilizaram o MAXEIG e um utilizou o MAXLOPE. O método de mensuração mais utilizado foi o heterorrelato, utilizado em 17 estudos, dentre os quais oito utilizaram o PCL-R (*Psychopathy Checklist-Revised*) como instrumento de mensuração, três utilizaram o PCL:SV (*Psychopathy Checklist - versão de rastreio*), três utilizaram o PCL-YV (*Psychopathy Checklist - versão para jovens*), dois utilizaram a ASPD (*Antisocial Process Screening Device*), e apenas três não utilizaram nenhuma das escalas Hare. O PCL-R, de Robert Hare, é o instrumento mais utilizado no mundo todo para a avaliação da psicopatia (Skeem & Cooke, 2010a, 2010b) e os estudos de análise taxométrica parecem refletir essa preferência.

Apenas nove estudos utilizaram o CCFI médio, que variou de 0,175 (Walters et al., 2007) a 0,429 (Guay et al., 2007). O uso do CCFI foi sugerido em 2006 por Ruscio, Haslam & Ruscio (2006), e é considerado um indicador de qualidade. Cinco estudos publicados de 2006 em diante não utilizaram o CCFI (Coid e Yang, 2008; Edens et al., 2006; Harris et al., 2007; Marcus et al. 2006; Walters et al., 2014). Para os estudos que citaram o CCFI médio seguimos as recomendações de Ruscio et al. (2010) para classificar os resultados em dimensional, ambíguo ou categórico. Aqueles que não citaram foram classificados de acordo com a interpretação fornecida pelos autores. Quatorze foram considerados dimensionais, seis categóricos e dois ambíguos.

Discussão

De maneira geral, a presente revisão sistemática mostra que os estudos taxométricos conduzidos até então são, em sua maioria, mais favoráveis a uma interpretação dimensional da psicopatia. A maior parte dos estudos encontrados com resultados categóricos foram conduzidos por um mesmo grupo de pesquisadores (Harris et al., 1994; Skilling et al., 2001; Skilling et al., 2002), que vêm recebendo duras críticas metodológicas de outros acadêmicos (Walters, 2011; Wright, 2009). Por exemplo, o estudo de Harris et al. (1994) foi conduzido com uma amostra de 653 presidiários do sexo masculino interessando-se pelos fatores interpessoal-afetivo e impulsivo-comportamental da *Psychopathy Check-list Revised* (PCL-R). O ponto crucial do estudo é o uso de apenas um método de análise taxométrica, o MAXCOV, o que tende a produzir conclusões menos confiáveis do que a “testagem por consistência”, ou seja, a interpretação baseada em diversos métodos taxométricos (Ruscio et al., 2010). A mesma limitação também foi observada nos estudos de Skilling et al. (2001) e Skilling et al. (2002). Outro tipo de limitação foi observado no estudo de Harris et al. (2007). Os autores realizaram uma análise taxométrica de indicadores de comportamentos sexuais desviantes em 512 criminosos sexuais, aspectos que não carregam em nenhum dos dois fatores dos PCL-R e que não são tipicamente centrais à definição de psicopatia.

A questão principal, em todos esses estudos acima mencionados, é se as conclusões teriam sido as mesmas caso as limitações metodológicas identificadas não estivessem presentes. Com isso em mente, Walters, Marcus e Edens (2011) buscaram replicar o estudo de Harris et al. (2007) utilizando o mesmo instrumento para mensuração da psicopatia, o PCL-R, em uma amostra muito similar à daquele estudo (eles relataram ter tentado, diversas vezes, obter o banco de dados original via contato direto com os autores, sem sucesso). Eles replicaram as análises usando MAMBAC, MAXCOV e L-Mode, tal como Ruscio et al.

(2010) recomendam. Os resultados foram claramente dimensionais ($CCFI_{\text{médio}}=0,157$), refutando os achados de Harris et al. (2007), e sugerindo potenciais equívocos na condução e interpretação das análises.

Quanto aos estudos com resultados ambíguos há uma grande diferença na amostra tanto em tamanho quanto no tipo. Coid e Yang (2008) utilizaram 638 adultos da população geral que condiz com um tamanho amostral adequado à uma análise taxométrica enquanto Guay et al. (2007) utilizaram 4.865 criminosos de diversos ambientes forenses. Além disso, Coid e Yang (2008) utilizaram apenas um instrumento como indicador de psicopatia, não fizeram uso combinado de MAMBAC, MAXEIG e L-Mode e não utilizaram o CCFI. Guay et al. (2007) também utilizaram apenas um instrumento como indicador, mas cumpriram as demais recomendações da literatura.

Uma limitação na área diz respeito ao tipo de amostras utilizadas até então nas pesquisas. A maioria dos estudos taxométricos foi feita com população carcerária, o que implica a necessidade de estudos com população geral, a fim de conhecer melhor a natureza dos traços de psicopatia. Foram localizados apenas quatro estudos com indivíduos da população geral (Coid & Yang, 2008; Marcus et al., 2008; Skilling et al., 2001; Vasey et al., 2005), porém sem unanimidade de resultados. Coid e Yang (2008) encontraram resultado ambíguo, Marcus et al. (2008) encontraram resultado dimensional, Vasey et al. (2005) e Skilling et al. (2001) encontraram resultados categóricos.

Além de resultados completamente diferentes, esses estudos apresentam potenciais limitações. Coid e Yang (2008) utilizaram apenas um instrumento para mensurar os traços de psicopatia (PCL:SV) e apenas um método taxométrico (MAMBAC). Skilling et al. (2001) e Marcus et al. (2008), por sua vez, interessaram-se apenas pelas características impulsivas e

antissociais da psicopatia. Essa também é uma importante limitação, pois não foram contemplados os aspectos interpessoais-afetivos, centrais à psicopatia.

Uma limitação geral dos estudos localizados é o viés amostral. Em todos os casos, a amostra provém de países que vêm sendo denominados de WEIRD: *white* (brancos), *educated* (educados), *industrialized* (industrializados), *rich* (ricos) e *democratic* (democráticos) (Cooper, 2015). O estudo de revisão de Henrich, Heine e Norenzayan (2010) mostrou que, em diversas áreas de estudo clássicas da psicologia, resultados obtidos a partir de amostras de países WEIRD não são representativas do restante do mundo, sendo, muitas vezes exceção. Isso levanta a questão sobre se os resultados dos estudos prévios são equivalentes àqueles que seriam obtidos caso as amostras tivessem sido obtidas de países latinos, pobres, com altas taxas de analfabetismo e menos desenvolvidos econômica e industrialmente, como é o caso do Brasil. Essa dúvida representa tanto uma limitação quanto uma avenida de pesquisa ainda a ser explorada.

Embora os resultados da maioria dos estudos tendam para a dimensionalidade, limitações nesses estudos específicos também puderam ser observadas. Vale ressaltar, novamente, que, como indicadores de qualidade metodológica, com base na literatura (Lenzenweger, 2004; Ruscio, 2009; Walters & Ruscio, 2010), consideramos utilizar os procedimentos taxométricos MAMBAC, MAXEIG e L-Mode de forma combinada, utilizar mais de um instrumento de mensuração para melhor consistência da avaliação, amostra acima de 300 sujeitos para estabilidade das análises e indicação do CCFI como método mais confiável que a comparação visual dos gráficos.

Os estudos com resultados dimensionais somaram 14 casos. Sendo que oito (57,1%) utilizaram os procedimentos taxométricos juntos, nove (64,2%) utilizaram amostras superiores a 300 participantes, onze (78,6%) utilizaram mais de um instrumento de

mensuração, e nove (64,3%) citaram o CCFI. Apesar de, quantitativamente, os estudos que obtiveram resultados dimensionais aparentarem ter mais cuidados metodológicos, apenas três preencheram os quatro critérios citados (Edens et al., 2011; Walters, 2014; Walters, Gray, et al., 2007).

Conclusões

Embora os resultados apontados nesta revisão sistemática indiquem uma tendência maior a resultados dimensionais, os estudos com esta característica também apresentam algumas falhas metodológicas. A revisão, portanto, identifica a necessidade de que mais estudos sejam realizados apontando lacunas ainda a serem superadas. Em destaque, aponta-se que, até o momento, nenhum estudo foi conduzido com amostras de países que não fossem norte-americanos ou europeus. Há também um viés de preferência por amostras de tipo forense, que talvez sejam menos representativas da maneira como o fenômeno se expressa na população geral. Como sugestões para estudo futuros, sugere-se a pesquisa taxométrica da psicopatia empregando: a) MAMBAC, MAXEIG e L-Mode de forma conjunta para aumentar a acurácia desse método; b) amostras comunitárias; e c) diversos indicadores para as características que compõem a constelação da personalidade psicopática.

Referências

- Arrigo, B. A., & Shipley, S. (2001). International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology The Confusion Over Psychopathy (I): Historical Considerations, (I). <http://doi.org/10.1177/0306624X01453005>
- Coid, J., & Yang, M. (2008). The distribution of psychopathy among a household population: Categorical or dimensional? *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, *43*(10), 773–781. <http://doi.org/10.1007/s00127-008-0363-8>
- Cooper, M. L. (2015). Editorial Journal of Personality and Social Psychology, American Psychological Association, *108*(1), 1–4. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000033>
- Edens, J. F., Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., & Poythress, N. G. (2006). Psychopathic, not psychopath: taxometric evidence for the dimensional structure of psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology*, *115*(1), 131–144. <http://doi.org/10.1037/0021-843X.115.1.131>
- Edens, J. F., Marcus, D. K., & Vaughn, M. G. (2011). Exploring the taxometric status of psychopathy among youthful offenders: Is there a juvenile psychopath taxon? *Law and Human Behavior*, *35*(1), 13–24. <http://doi.org/10.1007/s10979-010-9230-8>
- Fowles, D. C., & Dindo, L. (2009). Temperament and Psychopathy: A Dual-Pathway Model. *Current Directions in Psychological Science*, *18*(3), 179–183. <http://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01632.x>
- Glenn D. Walters, David K. Marcus, John F. Edens, R. A. K. and G. M. S. (2011). In Search of the Psychopathic Sexuality Taxon: Indicator Size Does Matter. *Behavioral Sciences & the Law*, *29*(2), 23–29. <http://doi.org/10.1002/bsl.964>
- Guay, J.-P., Ruscio, J., Knight, R. a, & Hare, R. D. (2007). A taxometric analysis of the latent structure of psychopathy: evidence for dimensionality. *Journal of Abnormal Psychology*, *116*(4), 701–716. <http://doi.org/10.1037/0021-843X.116.4.701>
- Harris, G. T., Rice, M. E., Hilton, N. Z., Lalumie, M. L., & Quinsey, V. L. (2007). Coercive And Precocious Sexuality As A Fundamental Aspect Of Psychopathy. *Journal of Personality Disorders* , *21*(1), 1–27.
- Harris, G. T., Rice, M. E., & Quinsey, V. L. (1994). Psychopathy as a taxon: evidence that psychopaths are a discrete class. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *62*(2), 387–397. <http://doi.org/10.1037/0022-006X.62.2.387>
- Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A. (2010). The weirdest people in the world? *The Behavioral and Brain Sciences*, *33*(2–3), 61-83-135. <http://doi.org/10.1017/S0140525X0999152X>
- Hicks, B. M., & Patrick, C. J. (2011). Validating Female Psychopathy Subtypes: Differences in Personality, Antisocial and Violent Behavior, Substance Abuse, Trauma, and Mental Health. *Personal Disord*, *1*(1), 38–57. <https://doi.org/10.1037/a0018135>. Validating

- Huchzermeier, C., Geiger, F., Bruss, E., Godt, N., Köhler, D., Hinrichs, G., & Aldenhoff, J. B. (2007). The relationship between DSM-IV cluster B personality disorders and psychopathy according to Hare's criteria: clarification and resolution of previous contradictions. *Behavioral Sciences & the Law*, 25(6), 901–11. <http://doi.org/10.1002/bsl.722>
- Lenzenweger, M. F. (2004). Consideration of the challenges, complications, and pitfalls of taxometric analysis. *Journal of Abnormal Psychology*, 113(1), 10–23. <http://doi.org/10.1037/0021-843X.113.1.10>
- Lykken, D. T. (1995). *The Antisocial Personalities* (1st ed.). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Marcus, D. K., John, S. L., & Edens, J. F. (2004). A taxometric analysis of psychopathic personality. *Journal of Abnormal Psychology*, 113(4), 626–635. <http://doi.org/10.1037/0021-843X.113.4.626>
- Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., Edens, J. F., & Poythress, N. G. (2006). Is antisocial personality disorder continuous or categorical? A taxometric analysis. *Psychological Medicine*, 36(11), 1571–81. <http://doi.org/10.1017/S0033291706008245>
- Marcus, D. K., Ruscio, J., Lilienfeld, S. O., & Hughes, K. T. (2008). Converging Evidence for the Latent Structure of Antisocial Personality Disorder: Consistency of Taxometric and Latent Class Analyses. *Criminal Justice and Behavior*, 35(3), 284–293. <http://doi.org/10.1177/0093854807311679>
- McGrath, R. E., & Walters, G. D. (2012). Taxometric analysis as a general strategy for distinguishing categorical from dimensional latent structure. *Psychological Methods*, 17(2), 284–293. <http://doi.org/10.1037/a0026973>
- Mokros, A., Hare, R. D., Neumann, C. S., Santtila, P., Habermeyer, E., & Nitschke, J. (2015). Variants of Psychopathy in Adult Male Offenders: A Latent Profile Analysis. *Journal of Abnormal Psychology*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/abn0000042>.
- Murrie, D. C., Marcus, D. K., Douglas, K. S., Lee, Z., Salekin, R. T., & Vincent, G. (2007). Youth with psychopathy features are not a discrete class: A taxometric analysis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 48(7), 714–723. <http://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01734.x>
- Olver, M. E., Sewall, L. A., Sarty, G. E., Lewis, K., & Wong, S. C. P. (2015). A cluster analytic examination and external validation of psychopathic offender subtypes in a multisite sample of Canadian federal offenders. *Journal of Abnormal Psychology*, 124(2), 355. <http://doi.org/10.1037/abn0000038>
- Ruscio, J. (2009). Assigning cases to groups using taxometric results: an empirical comparison of classification techniques. *Assessment*, 16(1), 55–70.

<http://doi.org/10.1177/1073191108320193>

- Ruscio, J. P., Haslam, N., & Ruscio, A. (2006). Introduction to the taxometric method: A practical guide. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum & Associates.
- Ruscio, J., Walters, G. D., Marcus, D. K., & Kaczetow, W. (2010). Comparing the relative fit of categorical and dimensional latent variable models using consistency tests. *Psychological Assessment*, 22(1), 5–21. <http://doi.org/10.1037/a0018259>
- Skeem, J. L., & Cooke, D. J. (2010a). Is criminal behavior a central component of psychopathy? Conceptual directions for resolving the debate. *Psychological Assessment*, 22(2), 433–445. <http://doi.org/10.1037/a0008512>
- Skeem, J. L., & Cooke, D. J. (2010b). One measure does not a construct make: directions toward reinvigorating psychopathy research--reply to Hare and Neumann (2010). *Psychological Assessment*, 22(2), 455–459. <http://doi.org/10.1037/a0014862>
- Skilling, T. a., Quinsey, V. L., & Craig, W. M. (2001). Evidence of a Taxon Underlying Serious Antisocial Behavior in Boys. *Criminal Justice and Behavior*, 28(4), 450–470. <http://doi.org/10.1177/009385480102800404>
- Skilling, T. a, Harris, G. T., Rice, M. E., & Quinsey, V. L. (2002). Identifying persistently antisocial offenders using the Hare Psychopathy Checklist and DSM antisocial personality disorder criteria. *Psychological Assessment*, 14(1), 27–38. <http://doi.org/10.1037/1040-3590.14.1.27>
- Vasey, M. W., Kotov, R., Frick, P. J., & Loney, B. R. (2005). The Latent Structure of Psychopathy in Youth: A Taxometric Investigation, 33(4), 411–429. <http://doi.org/10.1007/s10802-005-5723-1>
- Vitacco, M. J., Neumann, C. S., & Jackson, R. L. (2005). Testing a Four-Factor Model of Psychopathy and Its Association With Ethnicity, Gender, Intelligence, and Violence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(3), 466–476. <http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.73.3.466>
- Walters, G. D. (2011). Latent Structure: The Criminal Lifestyle in a Dimensional Context. In *Crime in a Psychological Context: From Career Criminals to Criminal Careers* (pp. 14–34). SAGE Publications. Retrieved from <https://books.google.com/books?id=huumgx-UrA8C&pgis=1>
- Walters, G. D. (2014). The Latent Structure of Psychopathy in Male Adjudicated Delinquents: A Cross-Domain Taxometric Analysis. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 5(4), 348–355. <http://dx.doi.org/10.1037/per0000088>
- Walters, G. D., Brinkley, C. a, Magaletta, P. R., & Diamond, P. M. (2008). Taxometric analysis of the Levenson Self-Report Psychopathy scale. *Journal of Personality Assessment*, 90(5), 491–498. <http://doi.org/10.1080/00223890802248828>

- Walters, G. D., Diamond, P. M., Magaletta, P. R., Geyer, M. D., Duncan, S. A., & Penitentiary, U. S. (2007). Taxometric Analysis of the Antisocial Features Scale of the Personality Assessment Inventory in Federal Prison Inmates, *14*(4), 351–360. <http://doi.org/10.1177/1073191107304353>
- Walters, G. D., Duncan, S. A., & Mitchell-perez, K. (2007). The Latent Structure of Psychopathy A Taxometric Investigation of the Psychopathy Checklist – Revised in a Heterogeneous Sample of Male Prison Inmates, *14*(3), 270–278. <http://doi.org/10.1177/1073191107299594>
- Walters, G. D., Ermer, E., Knight, R. A., & Kiehl, K. A. (2014). Paralimbic Biomarkers in Taxometric Analyses of Psychopathy: Does Changing the Indicators Change the Conclusion?. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, *6*(1), 41–52. <http://dx.doi.org/10.1037/per0000097>
- Walters, G. D., Gray, N. S., Jackson, R. L., Sewell, K. W., Rogers, R., Taylor, J., & Snowden, R. J. (2007). A taxometric analysis of the Psychopathy Checklist: Screening Version (PCL:SV): further evidence of dimensionality. *Psychological Assessment*, *19*(3), 330–339. <http://doi.org/10.1037/1040-3590.19.3.330>
- Walters, G. D., & Ruscio, J. (2009). To sum or not to sum: taxometric analysis with ordered categorical assessment items. *Psychological Assessment*, *21*(1), 99–111. <http://doi.org/10.1037/a0015010>
- Walters, G. D., & Ruscio, J. (2010). Where do we draw the line? Assigning cases to subsamples for MAMBAC, MAXCOV, and MAXEIG taxometric analyses. *Assessment*, *17*(3), 321–333. <http://doi.org/10.1177/1073191109356539>
- Wright, E. M. (2009). The measurement of psychopathy: dimensional and taxometric approaches. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, *53*(4), 464–481. <http://doi.org/10.1177/0306624X08319416>

ARTIGO II: ESTRUTURA LATENTE DA PSICOPATIA EM UMA AMOSTRA COMUNITÁRIA: UMA ANÁLISE TAXOMÉTRICA

Resumo

A psicopatia é entendida como um conjunto de traços de insensibilidade emocional e falta de autocontrole. Entretanto, não há consenso se esses traços fazem parte da personalidade de todas as pessoas em diferentes graus ou apenas de um grupo discreto de poucas pessoas: os “psicopatas”. O presente trabalho teve por objetivo realizar uma análise taxométrica da psicopatia de modo a empregar múltiplos métodos analíticos e múltiplos indicadores, a partir de uma amostra comunitária brasileira—não típica em relação aos estudos anteriores da literatura. Participaram do estudo 474 adultos entre membros da população geral na coleta *online* (N=374), integrantes de grupos comunitários (N=60), de grupos de apoio a usuários de álcool e drogas (N=20) e estudantes de educação de jovens adultos (N=20) e com idade média de 29,21 anos (DP=9,35). Tanto a média do CCFI obtido a partir da análise isolada de cada instrumento quanto o CCFI médio obtido para a análise conjunta dos instrumentos produziram evidência de dimensionalidade. Os resultados sugerem que a psicopatia é um fenômeno que ocorre em níveis, e não em categorias, em coerência com investigações mais recentes em países desenvolvidos.

Palavras-chave: transtornos de personalidade, estrutura latente, dimensional, categórico.

Abstract

Psychopathy is understood as a set of callous-unemotional and impulsive traits. However, there still lacks a consensus as to whether these traits can be found every single individual in the population or if they are specific to a discrete group: the “psychopaths.” The present study had the aim of performing a taxometric analysis of psychopathy employing multiple methods and multiple indicators in a Brazilian community sample—nonstandard in comparison to previous studies so far. Participants were 474 adults including general population in online survey (N=374), community members (N=60), including former drugs and alcohol abusers (N=20) and late students (N=20) mean age = 29.21 ($SD = 9.35$). Both the individual analysis of instruments and their joint analysis yielded a mean CCFI supportive of dimensionality. Findings suggest that psychopathy occurs as levels in a continuum, and not as a *taxon*, in coherence with recent investigations in developed countries.

Key words: personality disorders, latent structure, dimension, categorical.

Introdução

A definição de psicopatia foi amplamente discutida ao longo dos anos desde a “Insanidade sem delírio” descrita por Pinel até chegar ao psicopata típico de Cleckley (Arrigo & Shipley, 2001). Atualmente, existe um relativo consenso na literatura em definir a psicopatia como traços de personalidade que envolvem frieza, insensibilidade emocional, falta de empatia com pessoas e animais, e comportamentos antissociais, tais violações de regras acompanhadas ou não de algum ganho pessoal (Cooke & Michie, 2001; Fowles & Dindo, 2009; Lykken, 1995; Vitacco et al., 2005). A psicopatia é mais estudada em contextos carcerários (Edens et al., 2011; Guay et al., 2007; Harris et al., 1994; Marcus et al., 2004; Murrie et al., 2007; Skilling et al., 2002), uma vez que sua prevalência é mais alta na população de criminosos, entre 20-30%, do que na população geral, cerca de 1% (Neumann & Hare, 2007). Apesar dessa associação com comportamentos antissociais na população carcerária, traços de psicopatia também podem ser encontrados em pessoas de contextos não carcerários (Hauck-Filho, Teixeira, & Dias, 2012). Índícios de psicopatia na população geral agregam importância ao estudo da estrutura latente do fenômeno, levantando a questão de se há um grupo de pessoas psicopatas ou se todas as pessoas têm essas características em diferentes graus. Essa questão tem crescido nos últimos anos e gerado dois modelos concorrentes principais explicativos da estrutura latente da psicopatia—o dimensional e o categórico. O presente estudo aborda essa questão empiricamente, por meio de uma análise taxométrica de diferentes instrumentos de psicopatia em uma amostra brasileira de pessoas da população geral.

Os modelos categóricos se baseiam na noção de que a psicopatia é uma característica específica de um pequeno grupo de pessoas. Esses traços de insensibilidade podem ter surgido tanto por necessidades sociais, programação biológica (parasitas sociais) ou

alterações neurológicas (Olver et al., 2015). O fato é que, em tal perspectiva, seja qual for a causa geradora da psicopatia, é possível identificar um grupo de pessoas diferente das demais (figura 10), gerando um transtorno com diferenças qualitativas, tal como a esquizofrenia. Para identificar esse grupo específico em meio as demais pessoas em uma pesquisa, por exemplo, os pesquisadores lançam mão de análises de clusters (classes latentes). A classe latente (psicopata versus não psicopata) é que, supostamente, explica a variabilidade nos comportamentos observados que compõem o transtorno. Nessa perspectiva há tipos de psicopatia, assim como pessoas sem psicopatia. Os psicopatas “verdadeiros” ou “psicopatas primários” teriam características genéticas que causariam uma “deficiência afetiva” gerando características como falta de empatia, incapacidade para amar, ausência de medo, entre outras. Já os “pseudopsicopatas” ou “psicopatas secundários” difeririam do primeiro grupo pela presença de ansiedade, sendo chamados também de “psicopatas ansiosos”. Estes dois grupos seriam também distintos do de pessoas com TPA que apresentam muito mais características em relação ao comportamento antissocial e poucas referentes a afetividade (Falkenbach, 2008; Olver et al., 2015).

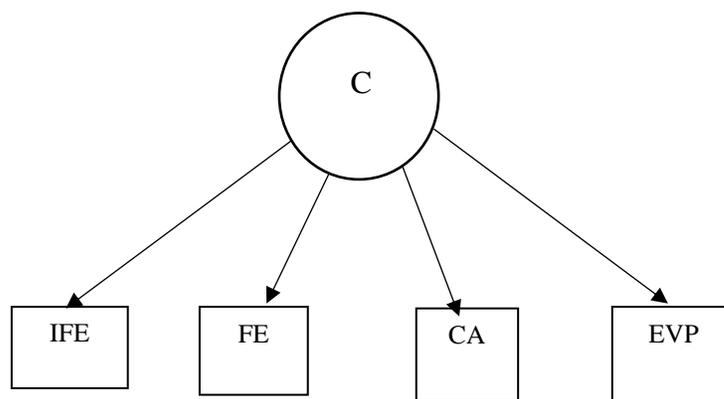


Figura 10. Diagrama explicativo do modelo categórico

Nota: C = classe latente, IFE= insensibilidade e frieza emocional, FE= falta de empatia, CA=comportamento antissocial, EVP= estilo de vida parasitário.

Como exemplo, Mokros et al. (2015) realizaram um estudo de análise de classes latentes com uma amostra de adultos encarcerados com altos escores no PCL-R (pontuação acima de 27). Eles objetivaram identificar diferentes subgrupos que compartilhassem das características de psicopatia captadas pelos quatro fatores do PCL-R (interpessoal, afetivo, estilo de vida e antissocial). Mokros et al. (2015) identificaram três classes latentes com níveis específicos em cada um dos quatro fatores do PCL-R, em duas amostras independentes de 1.451 e 497 presidiários. A classe latente 1, os “psicopatas primários”, foi composta por um grupo de pessoas que pontuou bastante alto nos fatores interpessoal (F1), afetivo (F2) e estilo de vida (F3), mas praticamente não pontuou no fator antissocial (F4). A classe latente 2, os psicopatas secundários, obteve escores medianos em F1, e de médios para alto em F2 e F3, além de escores bastante altos em F4. A classe latente 3, por sua vez, os “sociopatas” ou prisioneiros comuns, por sua vez, pontuaram bastante alto em F1, F3 e F4, e baixo em F2.

Uma alternativa são os modelos dimensionais, de acordo com os quais as características psicopáticas estão presentes em todas as pessoas em diferentes graus (Cooke & Michie, 2001; Fowles & Dindo, 2009; Hare, 1991). Nesse caso, a psicopatia é composta por um ou mais fatores latentes que explicam a variabilidade nos comportamentos observados que definem a psicopatia, como na Figura 11. Vários modelos explicativos diferentes foram criados dentro da perspectiva dimensional, entretanto todos eles podem ser aninhados a um modelo de dois fatores. Para identificar os fatores que geram os traços de psicopatia têm-se utilizado a análise fatorial.

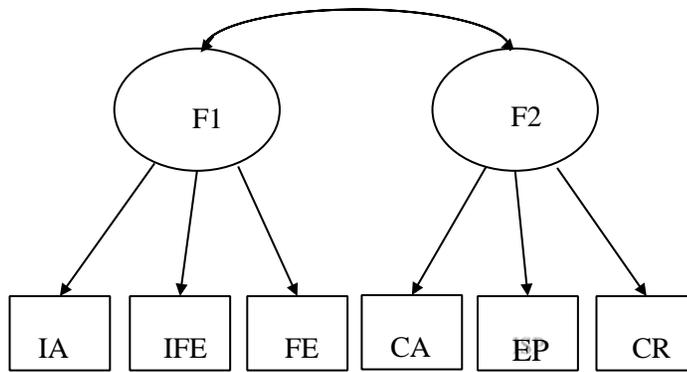


Figura 11. Modelo genérico de modelo dimensional

Nota: IA= incapacidade para amar, IFE= insensibilidade e frieza emocional, FE= falta de empatia, CA= comportamento antissocial injustificado, EP= estilo de vida parasitário, CR= comportamento de risco.

Na década de 1970, Robert Hare criou o primeiro instrumento para mensurar a psicopatia, o *Psychopathy Checklist* (PCL - Hare, 1991). A base teórica deste instrumento supõe que as características da personalidade psicopática podem ser divididas em dois grupos, características afetivas e características antissociais, e que são causadas por dois fatores distintos (fator 1 e fator 2). A partir desse primeiro modelo surgiram outros modelos explicativos dimensionais da psicopatia, mas que, em sua maioria, remetem ao modelo de dois fatores, como é o caso dos modelos de três e quatro fatores. O modelo de três fatores (Cooke & Michie, 2001) dividiu o fator 1 (F1), do modelo anterior, em dois: estilo interpessoal arrogante e afeto deficiente, mantendo o fator 2: comportamento antissocial. O modelo seguinte dividiu os dois fatores iniciais em duas facetas cada (Vitacco et al., 2005), resultando num modelo de quatro facetas: relacionamento interpessoal, déficit afetivo, estilo de vida e comportamentos antissociais. Além destes existem muitos outros modelos dimensionais para explicar os comportamentos ligados a personalidade psicopática.

Embora a análise de clusters e a análise fatorial sejam bastante úteis, elas enviam a resposta à questão da natureza da estrutura latente, pois a AF buscará fatores nos dados e a AC buscará classes latentes não identificando a verdadeira natureza da estrutura latente por trás das características expressas (Ruscio & Walters, 2009). Assim, quando se tem certeza

que a estrutura latente é categórica deve-se usar a análise de clusters, se por outro lado é dimensional deve-se usar a análise fatorial. Mas quando há dúvidas sobre a natureza da estrutura latente o ideal é utilizar a análise taxométrica (McGrath & Walters, 2012).

A análise taxométrica é uma técnica estatística sofisticada que objetiva identificar a melhor adequação dos dados coletados aos modelos dimensional e categórico por meio de simulação gráfica. Os principais métodos taxométricos são *Mean Above Minus Below a Cut* (MAMBAC), *Maximum Covariance* (MAXCOV), *Maximum Eigenvalue* (MAXEIG) e *Latent Model* (L-Mode), embora existam outras (McGrath & Walters, 2012). Esses métodos têm em comum a plotagem de dois gráficos simulados, um na perspectiva dimensional e outro na perspectiva categórica. Sobre esses gráficos simulados é plotado o gráfico da análise empírica dos dados do pesquisador. O objetivo é identificar com qual dos dois gráficos a curva empírica mais se assemelha. Apesar de ser possível identificar esse ajuste visualmente, às vezes pode se tornar difícil. Assim, desenvolveu-se o índice de ajuste da curva (CCFI) que, por meio do cálculo dos resíduos entre as curvas plotadas, gera um número de 0 a 1 que define a natureza da estrutura latente. Se o CCFI for menor que 0,4 considera-se o resultado como dimensional, se estiver entre 0,4 e 0,6 considera-se ambíguo (ou seja, impossível de responder com certeza) e, se for maior que 0,6, considera-se categórico (Ruscio et al., 2010).

A análise taxométrica vem sendo utilizada para responder à questão da natureza da estrutura latente da psicopatia (p. ex.: Harris et al., 1994; Walters et al., 2014; Walters, 2008). Porém, em uma revisão sistemática sobre o tema realizada no ano de 2015 na base de dados PsycINFO (Cordeiro & Hauck-Filho, manuscrito em preparação) identificaram-se algumas características que podem enviesar os resultados como o tipo de amostra e os métodos utilizados. Amostras muito pequenas ($N < 300$; Lenzenweger, 2004) podem mascarar uma taxon, além disso o perfil de pessoas que compõem a amostra pode não ser representativo da

população geral, portanto o ideal é haver variabilidade de características como etnia, renda familiar, escolaridade, religião, idade, estado civil, etc (Cooper, 2015; Henrich, Heine & Norenzayan, 2010) Quanto aos métodos a literatura preconiza um uso conjunto de MAMBAC, MAXEIG e L-Mode para maior acurácia, bem como testagem consistente do construto (mais de um instrumento/ indicador) (Ruscio et al., 2010).

Outra questão é que a psicopatia é uma entidade heterogênea, ou seja, com possíveis múltiplas causas desenvolvimentais. Isso pode ter implicação na forma de escolher e combinar os indicadores para a análise taxométrica. A literatura tem feito, sistematicamente, uma separação entre aspectos primários (mais relacionados a efeitos genéticos) e secundários (mais relacionados a efeitos ambientais) do quadro (Olver et al., 2015). Pode fazer diferença nos resultados a maneira de considerar os diferentes indicadores de psicopatia: é possível incluir apenas indicadores primários, apenas indicadores secundários ou todos em conjunto. Além disso, é viável uma análise individual por indicador, dado que, no método taxométrico, cada indicador tende a ser um escore total ou agregado de um maior número de variáveis. Essas diferentes maneiras de especificar a análise podem conduzir a resultados diferentes. Tendo em vista tal questão, consideraram-se os resultados da análise geral, por indicador e por procedimento taxométrico.

Assim, este estudo teve por objetivo realizar uma análise taxométrica de indicadores de psicopatia em uma amostra comunitária brasileira de adultos, propondo-se suprir algumas limitações metodológicas identificadas. Especificamente, atentou-se para usar: a) MAMBAC, MAXEIG e L-Mode de forma conjunta para aumentar a acurácia dos resultados; b) uma amostra comunitária; e c) diversos indicadores para as características que compõe a constelação da personalidade psicopática. Por se tratar, possivelmente, do primeiro estudo taxométrico da psicopatia com uma amostra latino-americana, buscou-se contrastar os

resultados encontrados com aqueles prévios conduzidos a partir de dados de amostras carcerárias e ou de países desenvolvidos. O uso de uma amostra comunitária é uma adequada estratégia de investigação, e permite verificar há diferenças entre resultados de análises taxométricas realizadas com amostras comunitárias e carcerárias. Superando as limitações metodológicas encontradas em estudos anteriores, as expectativas eram de que seriam obtidos resultados dimensionais.

Método

Participantes

Os participantes do estudo foram 474 adultos com média de idade 29,21 anos (DP=9,35) da população geral brasileira, 55,7% (n=264) do sexo masculino, 24,3% (n=115) sexo feminino e 20% (n=95) não quis responder. A maior parte se considerou parda (38,4%, n=182) ou branca (36,7%, n=174), com renda familiar entre um e cinco salários mínimos (41,8%, n=198). 49,6% (n=235) mantinham algum tipo de relacionamento (casado ou namorando). Para serem incluídos no estudo, os participantes não poderiam estar institucionalizados de qualquer forma

Instrumentos

Questionário demográfico. Foi aplicado um questionário sobre informações como sexo, idade, ocupação, nível de escolaridade, renda familiar, etnia, envolvimento com crime ou drogas e o instrumento CAGE para rastreio do alcoolismo.

Inventory of Callous-Unemotional Traits (ICUT - Essau, Sasagawa, & Frick, 2006). A escala de autorrelato para traços de insensibilidade e frieza emocional contém 24 itens, e foi criada para avaliar traços relacionados ao fator interpessoal-afetivo. A escala é composta pelas subescalas de desinteresse pelos outros (*uncaring*, $\alpha=0,73$), insensibilidade (*unemotional*, $\alpha=0,64$) e frieza emocional (*callousness*, $\alpha=0,70$). O instrumento foi traduzido

e adaptado para o Brasil mantendo a estrutura original (Rigatti, 2016). As respostas são dadas em escala Likert que vai de 1 (=totalmente falso) a 5 (=totalmente verdadeiro).

Levenson's Self Report Psychopathy Scale (LSRP - Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995). A escala de autorrelato de psicopatia de Levenson contém 26 itens e foi criada para avaliar traços e crenças relacionadas à psicopatia na população não carcerária com resposta em escala Likert (1= *discordo fortemente*; 5= *concordo fortemente*). As questões mensuram psicopatia primária, equivalente ao Fator 1 do PCLR (itens 1 a 16 e 26), e psicopatia secundária, equivalente ao Fator 2 do PCL-R (itens 17 a 25). O LSRP foi traduzido e adaptado para o Brasil por Hauck-Filho e Teixeira (2013) mantendo a estrutura original e com *Alpha* de 0,82 e 0,63, respectivamente, para o fator Primário e Secundário.

Dirty Dozen (Jonason & Webster, 2010). O instrumento de autorrelato foi criado com o objetivo de apresentar uma mensuração mais precisa e menos extensa da tríade sombria da personalidade. O estudo de validação demonstrou boa consistência interna ($\alpha = 0,83$). A escala é composta por doze itens mensurados em escala Likert que vai de 1 (=discordo fortemente) a 5 (=concordo fortemente).

Além da versão traduzida para o Brasil (Hauck-Filho, Carvalho & Jonason, 2015) utilizaremos uma versão neutralizada. A construção da versão neutralizada consistiu em reescrever os itens para que parecessem neutros, ou seja, que não suscitasse respostas socialmente desejáveis. Após a reescrita dos itens, os mesmos foram submetidos a avaliação de juízes que apontavam em escala Likert o quanto o item era desejável (1=*totalmente indesejável*; 9=*totalmente desejável*), itens muito desejáveis ou muito indesejáveis foram submetidos a novas rodadas de reescrita e avaliação de juízes. Itens com médias entre 4,5 e 5,5 foram considerados neutros.

Escala de Autocontrole (Grasmick, Tittle, Bursik, & Arneklev, 1993). O instrumento de autorrelato contém 24 itens e seis dimensões: (1) orientação voltada para o aqui e agora; (2) interesse por experiências arriscadas e emocionantes; (3) preferência por tarefas simples a complexas; (4) dificuldade de planificar o comportamento e planejar objetivos a longo prazo; (5) egocentrismo e indiferença por necessidades e desejos alheios; e (6) baixa tolerância a frustração e alta tolerância a dor. O instrumento apresenta boa consistência interna (o coeficiente alfa variou de 0,62 a 0,82) e a tradução e adaptação da escala para o Brasil foi realizada por Gouveia, Santos, Guerra, Fonseca e Gouveia (2013) mantendo a estrutura original. Esse estudo também reuniu evidências de validade de constructo. As respostas são dadas em escala Likert de quatro pontos que vai de 1 (=discordo totalmente) a 4 (=concordo totalmente).

Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11 – Patton, Stanford & Barratt, 1995). A escala em sua versão original tem 30 itens e é respondida em escala Likert que vai de 1 (=raramente ou nunca) a 4 (=quase sempre/sempre). A consistência interna varia de 0,79 a 0,82. A versão para adultos foi traduzida e adaptada por Malloy-Diniz et al. (2010) mantendo a estrutura original. O instrumento de autorrelato foi desenvolvido para avaliar a impulsividade através de três componentes, porém utilizou-se apenas a subescala de falta de planejamento.

Teste de rastreamento de alcoolismo CAGE (CAGE alcoholism screening test - Masur & Monteiro, 1983). Investiga o uso abusivo de álcool por meio de quatro aspectos da dependência (desistência, aborrecimento com terceiros, culpa e —abrir os olhos). O instrumento é composto por quatro questões e duas respostas afirmativas sugerem uma dependência de álcool. O instrumento foi traduzido e adaptado para o Brasil por Castells e Furlanetto (2005), e tem sensibilidade de 88% e especificidade de 83%.

Procedimentos

As coletas foram realizadas *online*, e presencialmente em grupos de apoio a usuários de álcool e drogas, educação de jovens adultos e grupos comunitários (grupos de bairro e pastorais/igreja). Para a coleta *online*, o *link* dos instrumentos hospedados no *Survey Monkey* (página comercial voltada para pesquisas) foi enviado para os participantes por *e-mail* e redes sociais (*Facebook e Whatsapp*). Além do convite a participar da pesquisa, os participantes foram estimulados a divulgar o *link* ampliando o número de respondentes. Para a coleta presencial foram entregues formulários impressos em aplicações coletivas com grupos de 20 pessoas por vez.

Análise de dados

Para realizar a análise taxométrica, foram utilizados indicadores pertinentes para a avaliação de diferentes aspectos da personalidade psicopática contidos nos instrumentos descritos anteriormente. Os dados coletados foram analisados utilizando o pacote para análise taxométrica para o programa R. Os procedimentos realizados foram o *Mean Above Minus Below a Cut* (MAMBAC), *Maximum Eigenvalue* (MAXEIG) e *Latent Mode Factor Analysis* (LMode), de acordo com as recomendações feitas por Ruscio et al. (2010). Assumiu-se CCFI menor que 0,4 como dimensional, valores entre 0,4 e 0,6 como ambíguos, e maiores que 0,6 como categóricos.

Resultados

As análises foram realizadas por indicadores separadamente, e, alternativamente, agrupadas por tipos de indicador, primários e secundários. Como indicadores primários, foram utilizados os fatores maquiavelismo, psicopatia e narcisismo do *Dirty Dozen* versão brasileira e versão neutralizada, os fatores *callous, uncaring e unemotional* do ICUT, e o

fator de psicopatia primária do LSRP. Esses fatores foram selecionados por terem características bastante próximas da definição de fator 1 e/ou de psicopatia primária, assim como os indicadores secundários foram escolhidos pela proximidade com o fator 2/psicopatia secundária. Como indicadores secundários, utilizou-se o fator de psicopatia secundária do LSRP, os seis fatores da escala de autocontrole, e os 11 itens da escala de impulsividade agregados em três indicadores. Os resultados dos procedimentos por indicador podem ser observados na Tabela 3 e nos gráficos no Anexo 11. De forma geral, parece haver uma tendência do CCFI resultante do MAMBAC a ser mais alto, mais próximo da indicação de ambiguidade e até de taxonicidade, o que não acontece com as demais análises. Isto ocorre tanto para as análises por indicador quanto para as análises por tipo de indicador. Neste último caso, os resultados foram taxônicos como observado na Figura 12 e na Tabela 3.

Tabela 3

Resultados das análises taxométricas

Análises	CCFI _{MAMBAC}	CCFI _{MAXEIG}	CCFI _{Lmode}	CCFI _{média}
Por indicador				
DD	0,460	0,338	0,482	0,427
DDN	0,385	0,270	0,153	0,269
LSRP	0,504	0,322	0,482	0,436
ICUT	0,433	0,352	0,215	0,333
CONT	0,681	0,310	0,388	0,460
IMP	0,285	0,536	0,215	0,345
Média	0,458	0,355	0,322	0,378
Por tipo de indicador				
Primários	0,669	0,488	0,567	0,574
Secundários	0,706	0,170	0,209	0,362

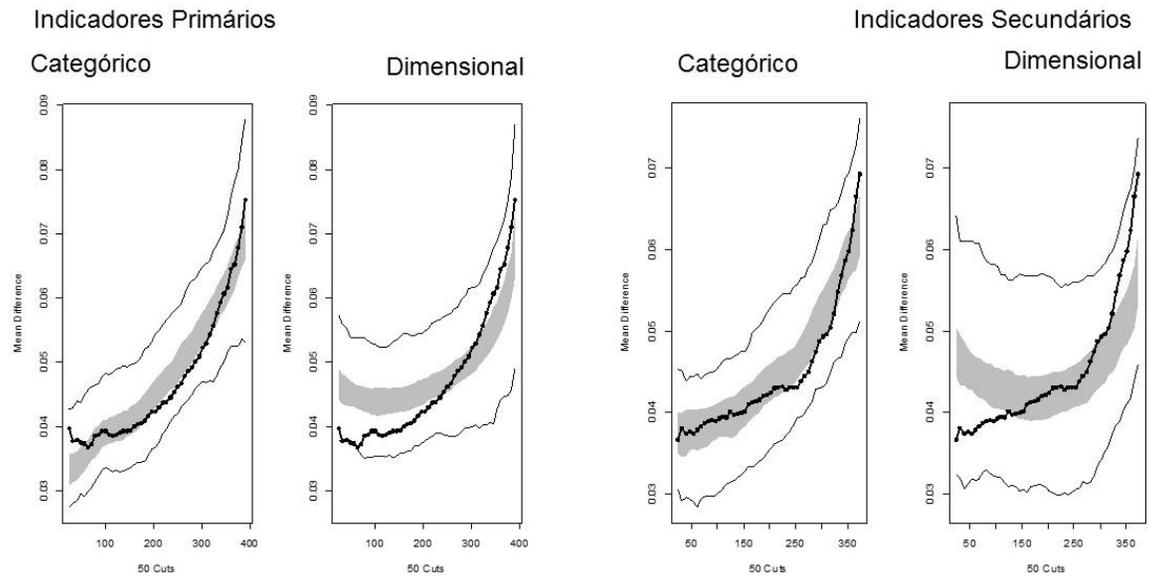


Figura 12. Gráficos de comparação do MAMBAC para indicadores primários e secundários

O procedimento MAXEIG revelou resultados dimensionais na grande maioria dos casos, resultando em ambiguidade para a impulsividade (BIS-11) analisada isoladamente, e para os indicadores primários, mas não para os secundários como visto na Tabela 3 e Figura 13.

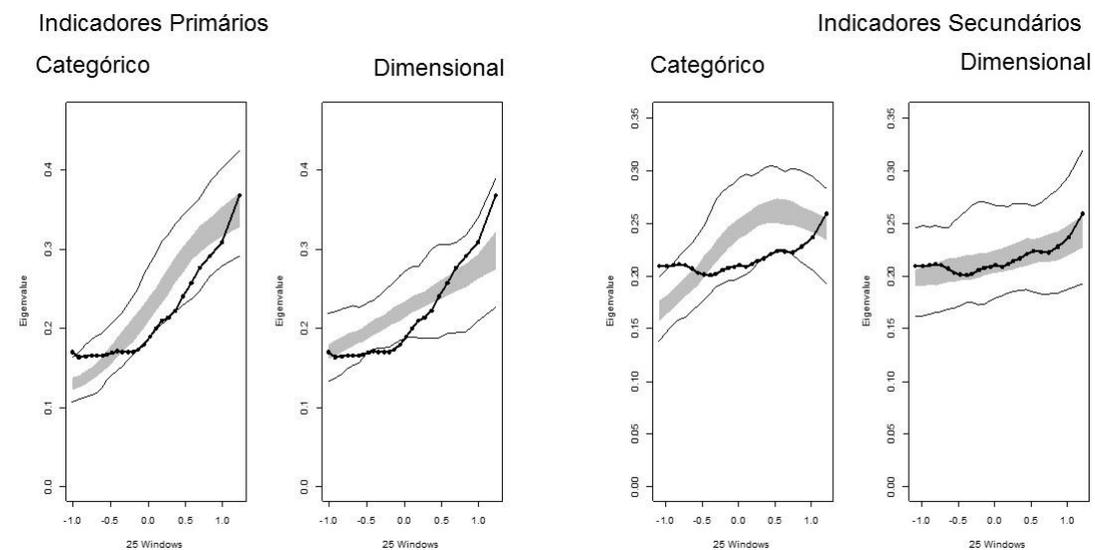


Figura 13. Gráficos de comparação do MAXEIG para indicadores primários e secundários

O L-Mode, assim como o MAXEIG, resultou na maior parte dos casos em CCFIs menores que 0,4, exceto apenas *Dirty Dozen* e LSRP, e os indicadores primários apresentaram valores entre 0,4 e 0,6 (ver Tabela 3 e Figura 14). Ao considerar a média obtida pela análise individual dos indicadores o resultado é dimensional. Por fim, o CCFI geral, obtido da média dos procedimentos taxométricos de todos os indicadores (destaque na Tabela 3) indica um resultado dimensional.

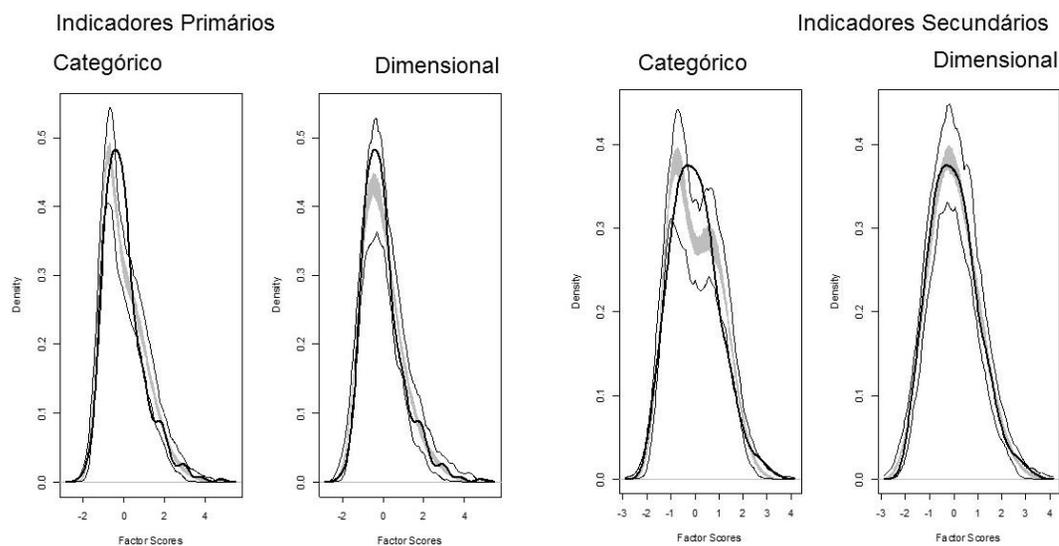


Figura 14. Gráficos de comparação do L-Mode para indicadores primários e secundários

Discussão

O presente trabalho se propôs a realizar uma análise taxométrica de traços de psicopatia em uma amostra comunitária, de modo a suprir algumas limitações metodológicas de estudos anteriores, e contrastar os resultados desta pesquisa com aqueles obtidos com amostras carcerárias em condições metodológicas semelhantes. Os resultados sustentam a hipótese de achados dimensionais dentro de uma análise geral. Considerando as análises por tipo de indicador, o $CCFI_{\text{médio}}$ para os indicadores primários apresenta ambiguidade tendendo para uma *taxon*. Segundo a literatura, os traços ligados à psicopatia primária teriam uma base

genética, o que sugeriria a composição de uma *taxon* (Falkenbach, 2008). Isto, porém, não pode ser confirmado nem refutado com base em nossos achados devido ao resultado ambíguo. Já os indicadores secundários apontaram dimensionalidade. Estudos que consideraram apenas o fator 2 obtiveram resultados variados. Walters e Ruscio (2009), Walters, Diamond, et al. (2007), Marcus, Lilienfeld, Edens e Poythress (2006) e Marcus et al. (2008) obtiveram resultados dimensionais, enquanto Vasey, Kotov, Frick e Loney (2005) e Skilling, Quinsey e Craig (2001) obtiveram resultados categóricos. Entretanto, os estudos com resultados dimensionais apresentaram menos falhas metodológicas, de acordo com as recomendações para análises taxométricas consistentes (Ruscio, 2009; Ruscio et al., 2010; Walters & Ruscio, 2010). Assim, nossos resultados corroboram achados de outros estudos com características metodológicas semelhantes.

Esta pesquisa buscou inovar consoante a discussões atuais a respeito da composição amostral (Cooper, 2015), contando com participantes das mais diversas classes sociais, graus de escolaridade e etnia. Para além disso, a investigação é pioneira no contexto nacional, sendo tanto o primeiro estudo dessa natureza quanto o primeiro estudo empregando uma amostra não-forense. Estudos anteriores com amostras comunitárias não chegaram a um consenso em seus resultados. Coid e Yang (2008) obtiveram resultado ambíguo, enquanto Skilling et al. (2001) e Vasey et al. (2005) concluíram pela presença de uma *táxon*, e Marcus et al. (2008) chegaram a um resultado dimensional. Destes, apenas Coid e Yang (2008) avaliaram as características interpessoais e afetivas da psicopatia, os demais estudos se propuseram a investigar apenas o comportamento antissocial. Somando-se este fato a outras características limitantes desses estudos, evidencia-se a importância de estudos que se proponham a investigar traços de psicopatia em amostras comunitárias. Em uma revisão da literatura prévia (Cordeiro & Hauck-Filho, manuscrito em preparação), identificaram-se

apenas três estudos (Edens et al., 2011; Walters, 2014; Walters, Gray, et al., 2007) que contemplaram os critérios a) amostra superior a 300 participantes; b) avaliar características dos fatores interpessoal-afetivo e comportamental da psicopatia; c) por meio de diversos indicadores; d) realizar análise taxométrica consiste; e e) determinar o CCFI. Os três estudos contaram com amostras forenses, e obtiveram resultados dimensionais com $CCFI_{\text{médio}}$ variando entre 0,175 (Walters, Gray, et al., 2007) e 0,300 (Edens et al., 2011), representando resultados bem próximos aos evidenciados na presente pesquisa. Assim, não é possível estabelecer se há, de fato, diferenças entre os resultados de estudos taxométricos com amostras comunitárias e amostras carcerárias. Contudo, as características do método fizeram diferença no resultado final desta pesquisa, confirmando a hipótese de dimensionalidade ao controlar limitações identificadas em estudos anteriores.

Uma possível crítica ao estudo é exatamente o uso de uma amostra comunitária. Nesse caso, seria mais difícil haver casos do tipo *taxon* e, mesmo havendo, ocorreriam em uma frequência talvez muito reduzida. Uma possibilidade seria que a dimensionalidade encontrada refleto a natureza da psicopatia no grupo complemento, ou seja, nos indivíduos sem a *taxon*. Não obstante, o presente trabalho contou com um razoável tamanho amostral, antecipando a questão da baixa prevalência da psicopatia, e ainda houve a inclusão de uma amostra de pessoas envolvidas com álcool e drogas. Embora dependentes químicos não sejam necessariamente psicopáticos, de acordo com o DSM-5 (APA, 2013), a maior prevalência de TPA (acima de 70%) é em homens usuários de álcool e drogas que estão em clínicas de reabilitação ou presídios. Assim, acredita-se que a inclusão da amostra viabilizou um aumento da prevalência do fenótipo psicopático no banco de dados.

Uma solução interessante, que pode ser adotada em estudos futuros é mesclar amostras comunitárias e forenses. Seria interessante observar se, de fato existe uma

continuidade entre indivíduos de amostras comunitárias e prisioneiros psicopáticos. Além disso, categoria e dimensão não são as únicas possibilidades de modelagem estatística. É possível que as duas situações coexistam: dois grupos que se diferenciam a partir de seus escores em um fator comum. Modelos de misturas de populações, como o *fator mixture model*, podem ser estratégias futuras interessantes de abordar o problema da natureza da psicopatia.

Conclusões

Com base nos achados deste trabalho, em consonância com outros estudos realizados no exterior, podemos afirmar que a psicopatia parece se ajustar melhor a um modelo dimensional. Não se pretende pôr fim à discussão da natureza da psicopatia com tais resultados, mas ajudar a entender e juntar evidências em prol de um modelo mais adequado à constelação da personalidade psicopática.

Embora se tenha tentado superar algumas lacunas deixadas por outros estudos taxométricos, pode ser interessante agregar outros grupos em análises futuras. Exemplos são amostras carcerárias, pessoas em clínicas de reabilitação, e pessoas com profissões arriscadas (devido ao fator audácia), como é o caso de policiais, bombeiros e membros das forças armadas. Para novas pesquisas, também sugere-se utilizar outras formas de mensuração além do autorrelato, a fim de evitar vieses do método de avaliação.

Referências

- Arrigo, B. A., & Shipley, S. (2001). International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology The Confusion Over Psychopathy (I): Historical Considerations, (I). <https://doi.org/10.1177/0306624X01453005>
- Cordeiro, N. C. A. & Hauck-Filho, N. (manuscrito em preparação). Uma revisão sistemática de estudos taxométricos da psicopatia
- Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, *13*(2), 171–188. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.171>
- Cooper, M. L. (2015). Editorial Journal of Personality and Social Psychology, American Psychological Association, *108*(1), 1–4. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000033>
- Edens, J. F., Marcus, D. K., & Vaughn, M. G. (2011). Exploring the taxometric status of psychopathy among youthful offenders: Is there a juvenile psychopath taxon? *Law and Human Behavior*, *35*(1), 13–24. <https://doi.org/10.1007/s10979-010-9230-8>
- Falkenbach, D. (2008). The exploration of subclinical psychopathic subtypes and the relationship with types of aggression q, *44*, 821–832. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2007.10.012>
- Fowles, D. C., & Dindo, L. (2009). Temperament and Psychopathy: A Dual-Pathway Model. *Current Directions in Psychological Science*, *18*(3), 179–183. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01632.x>
- Guay, J.-P., Ruscio, J., Knight, R. a, & Hare, R. D. (2007). A taxometric analysis of the latent structure of psychopathy: evidence for dimensionality. *Journal of Abnormal Psychology*, *116*(4), 701–716. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.116.4.701>
- Hare, R. D. (1991). The Psychopathy Checklist—Revised. *Multi-Health Systems*, (Toronto, Ontario, Canada:).
- Harris, G. T., Rice, M. E., & Quinsey, V. L. (1994). Psychopathy as a taxon: evidence that psychopaths are a discrete class. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *62*(2), 387–397. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.62.2.387>
- Hauck-Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2012). Psicopatia: uma perspectiva dimensional e não-criminosa do construto. *Avances En Psicología Latinoamericana*, *30*(2), 317–327. Retrieved from <http://redalyc.org/resumen.oa?id=79924881008>
- Hauck Filho, N.; Carvalho, L. F. ; Jonason, P. K. (2015). Análise fatorial confirmatória da versão em Português Brasileiro da escala Dirty Dozen. São Paulo. Anais do VII Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica.
- Lenzenweger, M. F. (2004). Consideration of the challenges, complications, and pitfalls of taxometric analysis. *Journal of Abnormal Psychology*, *113*(1), 10–23.

<https://doi.org/10.1037/0021-843X.113.1.10>

- Lykken, D. T. (1995). *The Antisocial Personalities* (1st ed.). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Marcus, D. K., John, S. L., & Edens, J. F. (2004). A taxometric analysis of psychopathic personality. *Journal of Abnormal Psychology, 113*(4), 626–635. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.113.4.626>
- Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., Edens, J. F., & Poythress, N. G. (2006). Is antisocial personality disorder continuous or categorical? A taxometric analysis. *Psychological Medicine, 36*(11), 1571–81. <https://doi.org/10.1017/S0033291706008245>
- McGrath, R. E., & Walters, G. D. (2012). Taxometric analysis as a general strategy for distinguishing categorical from dimensional latent structure. *Psychological Methods, 17*(2), 284–293. <https://doi.org/10.1037/a0026973>
- Mokros, A., Hare, R. D., Neumann, C. S., Santtila, P., Habermeyer, E., & Nitschke, J. (2015). Variants of Psychopathy in Adult Male Offenders: A Latent Profile Analysis. *Journal of Abnormal Psychology*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/abn0000042>.
- Murrie, D. C., Marcus, D. K., Douglas, K. S., Lee, Z., Salekin, R. T., & Vincent, G. (2007). Youth with psychopathy features are not a discrete class: A taxometric analysis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines, 48*(7), 714–723. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01734.x>
- Neumann & Hare, R. D. (2007). The PCL-R assessment of psychopathy: development, structural properties, and new directions. In *Handbook of Psychopathy* (pp. 58–84).
- Olver, M. E., Sewall, L. A., Sarty, G. E., Lewis, K., & Wong, S. C. P. (2015). A cluster analytic examination and external validation of psychopathic offender subtypes in a multisite sample of Canadian federal offenders. *Journal of Abnormal Psychology, 124*(2), 355. <https://doi.org/10.1037/abn0000038>
- Rigatti, R. (2016). Adaptação transcultural e evidências de validação psicométricas do *Inventory of Callous-Unemotional Traits* (ICU) para avaliação de traços de insensibilidade e afetividade restrita de adolescentes no Brasil. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ruscio, J., Walters, G. D., Marcus, D. K., & Kacetow, W. (2010). Comparing the relative fit of categorical and dimensional latent variable models using consistency tests. *Psychological Assessment, 22*(1), 5–21. <https://doi.org/10.1037/a0018259>
- Skilling, T. A., Quinsey, V. L., & Craig, W. M. (2001). Evidence of a Taxon Underlying Serious Antisocial Behavior in Boys. *Criminal Justice and Behavior, 28*(4), 450–470. <https://doi.org/10.1177/009385480102800404>

- Skilling, T. A., Harris, G. T., Rice, M. E., & Quinsey, V. L. (2002). Identifying persistently antisocial offenders using the Hare Psychopathy Checklist and DSM antisocial personality disorder criteria. *Psychological Assessment, 14*(1), 27–38. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.14.1.27>
- Vasey, M. W., Kotov, R., Frick, P. J., & Loney, B. R. (2005). The Latent Structure of Psychopathy in Youth: A Taxometric Investigation, *33*(4), 411–429. <https://doi.org/10.1007/s10802-005-5723-1>
- Vitacco, M. J., Neumann, C. S., & Jackson, R. L. (2005). Testing a Four-Factor Model of Psychopathy and Its Association With Ethnicity, Gender, Intelligence, and Violence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(3), 466–476. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.73.3.466>
- Walters, G. D. (2008). Self-Report Measures of Psychopathy, Antisocial Personality, and Criminal Lifestyle: Testing and Validating a Two-Dimensional Model. *Criminal Justice and Behavior, 35*(12), 1459–1483. <https://doi.org/10.1177/0093854808320922>
- Walters, G. D., Diamond, P. M., Magaletta, P. R., Geyer, M. D., Duncan, S. A., & Penitentiary, U. S. (2007). Taxometric Analysis of the Antisocial Features Scale of the Personality Assessment Inventory in Federal Prison Inmates, *14*(4), 351–360. <https://doi.org/10.1177/1073191107304353>
- Walters, G. D., Ermer, E., Knight, R. A., & Kiehl, K. A. (2014). Paralimbic Biomarkers in Taxometric Analyses of Psychopathy: Does Changing the Indicators Change the Conclusion?, *6*(1), 41–52.
- Walters, G. D., & Ruscio, J. (2009). To sum or not to sum: taxometric analysis with ordered categorical assessment items. *Psychological Assessment, 21*(1), 99–111. <https://doi.org/10.1037/a0015010>
- Walters, G. D., & Ruscio, J. (2010). Where do we draw the line? Assigning cases to subsamples for MAMBAC, MAXCOV, and MAXEIG taxometric analyses. *Assessment, 17*(3), 321–333. <https://doi.org/10.1177/1073191109356539>

Considerações finais

O objetivo principal desta dissertação foi realizar uma análise taxométrica de uma amostra não-carcerária envolvendo pessoas da comunidade geral sem qualquer tipo de privação de liberdade. Sobretudo, objetivou-se superar as limitações identificadas por meio de revisão sistemática em outros estudos taxométricos da psicopatia. Com base na literatura revisada foi possível identificar critérios de qualidade para avaliar as limitações de estudos anteriores, e para embasar um bom estudo taxométrico com amostra comunitária brasileira.

Ao tentar superar questões como amostras do tipo WEIRD e uso, quase que exclusivo, de amostras forenses, almeja-se contribuir com dados mais fidedignos a realidade da maior parte dos indivíduos. Algumas limitações desta dissertação culminam em sugestões para pesquisas futuras como o uso de outras formas de mensuração que não somente o autorrelato, amostras ainda maiores e mais variadas, comparação entre a amostra comunitária e amostra carcerária brasileiras e outros grupos nos quais haja maior incidência de traços de personalidade presentes na personalidade psicopática.

Os resultados da revisão e do estudo taxométrico apontam para evidências de dimensionalidade. Assim, há cada vez mais indícios de que a diferença entre pessoas comuns e pessoas com altos escores de psicopatia é apenas uma questão de graus e não de tipologia. Isto traz esperanças, pois historicamente a psicopatia era considerada intratável. Porém se outros transtornos de personalidade têm tratamentos que possibilitam a melhora na qualidade de vida de seus portadores, seria possível fazê-lo também com pessoas com altos traços de psicopatia.

Outro ponto importante é a atual tendência a utilizar definições em espectros em oposição a dualidade dimensional *versus* categórico. A exemplo do Transtorno do Espectro Autista, no qual, embora haja um grupo de pessoas com e sem o transtorno, há grande

variabilidade nos fenótipos encontrados no grupo de pessoas com o transtorno. Assim, faz-se importante continuar a pensar novos modelos explicativos para a psicopatia.

Referências

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Arlington. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596.744053>
- Arrigo, B. A., & Shipley, S. (2001). International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology The Confusion Over Psychopathy (I): Historical Considerations, (I). <https://doi.org/10.1177/0306624X01453005>
- Blackburn, R. (1975). An Empirical Classification of Psychopathic Personality An Empirical Classification of Psychopathic, 456–460. <https://doi.org/10.1192/bjp.127.5.456>
- Cleckley, H. (1951). *The Mask of Sanity. An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality*. *Southern Medical Journal* (Vol. 44). <https://doi.org/10.1097/00007611-195105000-00028>
- Coid, J., & Yang, M. (2008). The distribution of psychopathy among a household population: Categorical or dimensional? *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 43(10), 773–781. <https://doi.org/10.1007/s00127-008-0363-8>
- Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13(2), 171–88. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11433793>
- Cooper, M. L. (2015). Editorial Journal of Personality and Social Psychology, American Psychological Association, 108(1), 1–4. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000033>
- Crego, C., & Widiger, T. A. (2015). Cleckley’s Psychopaths: Revisited. *Journal of Abnormal Psychology*, 1–13. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1037/abn0000130>
- Edens, J. F., Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., & Poythress, Norman G., J. (2006). Psychopathic, Not Psychopath: Taxometric Evidence for the Dimensional Structure of Psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology*, 115(1), 131–144. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.115.1.131>
- Edens, J. F., Marcus, D. K., & Vaughn, M. G. (2011). Exploring the taxometric status of psychopathy among youthful offenders: Is there a juvenile psychopath taxon? *Law and Human Behavior*, 35(1), 13–24. <https://doi.org/10.1007/s10979-010-9230-8>
- Esbec, E. (2015). El modelo híbrido de clasificación de los trastornos de la personalidad en el DSM-5 : un análisis crítico, 43(5), 177–186.
- Falkenbach, D. (2008). The exploration of subclinical psychopathic subtypes and the relationship with types of aggression q, 44, 821–832. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2007.10.012>
- Fowles, D. C., & Dindo, L. (2009). Temperament and Psychopathy: A Dual-Pathway Model. *Current Directions in Psychological Science*, 18(3), 179–183.

<https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01632.x>

- Glenn, A. L., Kurzban, R., & Raine, A. (2011). Evolutionary theory and psychopathy. *Aggression and Violent Behavior, 16*, 371–380. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.03.009>
- Guay, J.-P., Ruscio, J., Knight, R. a, & Hare, R. D. (2007). A taxometric analysis of the latent structure of psychopathy: evidence for dimensionality. *Journal of Abnormal Psychology, 116*(4), 701–716. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.116.4.701>
- Hare, R. D. (1991). *The Psychopathy Checklist—Revised*. Multi-Health Systems, (Toronto, Ontario, Canada:).
- Harris, G. T., Rice, M. E., Hilton, N. Z., Lalumie, M. L., & Quinsey, V. L. (2007). Coercive And Precocious Sexuality As A Fundamental Aspect Of Psychopathy. *Journal of Personality Disorders, 21*(1), 1–27.
- Harris, G. T., Rice, M. E., & Quinsey, V. L. (1994). Psychopathy as a taxon: evidence that psychopaths are a discrete class. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 62*(2), 387–397. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.62.2.387>
- Hauck-Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2012). Psicopatia: uma perspectiva dimensional e não-criminosa do construto. *Avances En Psicología Latinoamericana, 30*(2), 317–327.
- Hicks, B. M., & Patrick, C. J. (2011). Validating Female Psychopathy Subtypes: Differences in Personality, Antisocial and Violent Behavior, Substance Abuse, Trauma, and Mental Health. *Personal Disord, 1*(1), 38–57. <https://doi.org/10.1037/a0018135>. Validating
- Huchzermeier, C., Geiger, F., Bruß, E., Godt, N., Köhler, D., Hinrichs, G., & Aldenhoff, J. B. (2007). The relationship between DSM-IV cluster B personality disorders and psychopathy according to Hare’s criteria: Clarification and resolution of previous contradictions. *Behavioral Sciences and the Law, 25*(6), 901–911. <https://doi.org/10.1002/bsl.722>
- Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The dirty dozen: A concise measure of the dark triad. *Psychological Assessment, 22*(2), 420–432. <https://doi.org/10.1037/a0019265>
- Lenzenweger, M. F. (2004). Consideration of the challenges, complications, and pitfalls of taxometric analysis. *Journal of Abnormal Psychology, 113*(1), 10–23. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.113.1.10>
- Lykken, D. T. (1995). *The Antisocial Personalities* (1st ed.). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates, Inc.
- Marcus, D. K., John, S. L., & Edens, J. F. (2004). A taxometric analysis of psychopathic personality. *Journal of abnormal psychology* (Vol. 113). <https://doi.org/10.1037/0021-843X.113.4.626>

- Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., Edens, J. F., & Poythress, N. G. (2006). Is antisocial personality disorder continuous or categorical? A taxometric analysis. *Psychological Medicine*, *36*(11), 1571–81. <https://doi.org/10.1017/S0033291706008245>
- Marcus, D. K., Ruscio, J., Lilienfeld, S. O., & Hughes, K. T. (2008). Converging Evidence for the Latent Structure of Antisocial Personality Disorder: Consistency of Taxometric and Latent Class Analyses. *Criminal Justice and Behavior*, *35*(3), 284–293. <https://doi.org/10.1177/0093854807311679>
- McGrath, R. E., & Walters, G. D. (2012). Taxometric analysis as a general strategy for distinguishing categorical from dimensional latent structure. *Psychological Methods*, *17*(2), 284–293. <https://doi.org/10.1037/a0026973>
- Meehl, P. E. (1968). Detecting Latent Clinical Taxa, II: A Simplified Procedure, Some Additional Hitmax Cut Locators, A Single-Indicator Method, and $r_{\sim i}$ see 11 aneous Theorems.
- Mokros, A., Hare, R. D., Neumann, C. S., Santtila, P., Habermeyer, E., Mokros, A., ... Nitschke, J. (2015). Journal of Abnormal Psychology Variants of Psychopathy in Adult Male Offenders : A Latent Profile Analysis Variants of Psychopathy in Adult Male Offenders : A Latent Profile Analysis.
- Murrie, D. C., Marcus, D. K., Douglas, K. S., Lee, Z., Salekin, R. T., & Vincent, G. (2007). Youth with psychopathy features are not a discrete class: A taxometric analysis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, *48*(7), 714–723. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01734.x>
- Neumann & Hare, R. D. (2007). The PCL-R assessment of psychopathy: development, structural properties, and new directions. In *Handbook of Psychopathy* (pp. 58–84).
- Olver, M. E., Sewall, L. A., Sarty, G. E., Lewis, K., & Wong, S. C. P. (2015). A cluster analytic examination and external validation of psychopathic offender subtypes in a multisite sample of Canadian federal offenders. *Journal of Abnormal Psychology*, *124*(2), 355. <https://doi.org/10.1037/abn0000038>
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology*, *21*(3), 913–938. <https://doi.org/10.1017/S0954579409000492>
- Ribeiro, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2015). Aggression and Violent Behavior The evolutionary roots of psychopathy. *Aggression and Violent Behavior*, *21*, 85–96. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.01.006>
- Ruscio, J. P., Haslam, N., & Ruscio, A. (2006). *Introduction to the taxometric method: A practical guide*. (L. E. & Associates, Ed.). Mahwah, N.

- Ruscio, J. (2009). Assigning cases to groups using taxometric results: an empirical comparison of classification techniques. *Assessment*, *16*(1), 55–70. <https://doi.org/10.1177/1073191108320193>
- Ruscio, J., & Walters, G. D. (2009). Using comparison data to differentiate categorical and dimensional data by examining factor score distributions: resolving the mode problem. *Psychological Assessment*, *21*(4), 578–594. <https://doi.org/10.1037/a0016558>
- Ruscio, J., Walters, G. D., Marcus, D. K., & Kaczetow, W. (2010). Comparing the relative fit of categorical and dimensional latent variable models using consistency tests. *Psychological Assessment*, *22*(1), 5–21. <https://doi.org/10.1037/a0018259>
- Skeem, J. L., & Cooke, D. J. (2010a). Is criminal behavior a central component of psychopathy? Conceptual directions for resolving the debate. *Psychological Assessment*, *22*(2), 433–445. <https://doi.org/10.1037/a0008512>
- Skeem, J. L., & Cooke, D. J. (2010b). One measure does not a construct make: directions toward reinvigorating psychopathy research--reply to Hare and Neumann (2010). *Psychological Assessment*, *22*(2), 455–459. <https://doi.org/10.1037/a0014862>
- Skilling, T. a., Quinsey, V. L., & Craig, W. M. (2001). Evidence of a Taxon Underlying Serious Antisocial Behavior in Boys. *Criminal Justice and Behavior*, *28*(4), 450–470. <https://doi.org/10.1177/009385480102800404>
- Skilling, T. a, Harris, G. T., Rice, M. E., & Quinsey, V. L. (2002). Identifying persistently antisocial offenders using the Hare Psychopathy Checklist and DSM antisocial personality disorder criteria. *Psychological Assessment*, *14*(1), 27–38. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.14.1.27>
- Vasey, M. W., Kotov, R., Frick, P. J., & Loney, B. R. (2005). The Latent Structure of Psychopathy in Youth: A Taxometric Investigation, *33*(4), 411–429. <https://doi.org/10.1007/s10802-005-5723-1>
- Vitacco, M. J., Neumann, C. S., & Jackson, R. L. (2005). Testing a Four-Factor Model of Psychopathy and Its Association With Ethnicity, Gender, Intelligence, and Violence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *73*(3), 466–476. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.73.3.466>
- Walters, G. D. (2008). Self-Report Measures of Psychopathy, Antisocial Personality, and Criminal Lifestyle: Testing and Validating a Two-Dimensional Model. *Criminal Justice and Behavior*, *35*(12), 1459–1483. <https://doi.org/10.1177/0093854808320922>
- Walters, G. D. (2011). Latent Structure: The Criminal Lifestyle in a Dimensional Context. In *Crime in a Psychological Context: From Career Criminals to Criminal Careers* (pp. 14–34). SAGE Publications.
- Walters, G. D. (2012). Taxometrics and Criminal Justice: Assessing the Latent Structure of Crime-Related Constructs. *Journal of Criminal Justice*, *40*(1), 10–20.

<https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2011.11.003>

- Walters, G. D. (2014). The Latent Structure of Psychopathy in Male Adjudicated Delinquents : A Cross-Domain Taxometric Analysis, *5*(4), 348–355.
- Walters, G. D., Brinkley, C. a, Magaletta, P. R., & Diamond, P. M. (2008). Taxometric analysis of the Levenson Self-Report Psychopathy scale. *Journal of Personality Assessment, 90*(5), 491–498. <https://doi.org/10.1080/00223890802248828>
- Walters, G. D., Diamond, P. M., Magaletta, P. R., Geyer, M. D., Duncan, S. A., & Penitentiary, U. S. (2007). Taxometric Analysis of the Antisocial Features Scale of the Personality Assessment Inventory in Federal Prison Inmates, *14*(4), 351–360. <https://doi.org/10.1177/1073191107304353>
- Walters, G. D., Duncan, S. A., & Mitchell-perez, K. (2007). The Latent Structure of Psychopathy A Taxometric Investigation of the Psychopathy Checklist – Revised in a Heterogeneous Sample of Male Prison Inmates, *14*(3), 270–278. <https://doi.org/10.1177/1073191107299594>
- Walters, G. D., Ermer, E., Knight, R. A., & Kiehl, K. A. (2014). Paralimbic Biomarkers in Taxometric Analyses of Psychopathy: Does Changing the Indicators Change the Conclusion ?, *6*(1), 41–52.
- Walters, GD, Marcus, D.K., Edens,J. F., R. A. K. and G. M. S. (2011). In Search of the Psychopathic Sexuality Taxon: Indicator Size Does Matter. *Behavioral Sciences & the Law, 29*(2), 23–29. <https://doi.org/10.1002/bsl.964>
- Walters, G. D., Gray, N. S., Jackson, R. L., Sewell, K. W., Rogers, R., Taylor, J., & Snowden, R. J. (2007). A taxometric analysis of the Psychopathy Checklist: Screening Version (PCL:SV): further evidence of dimensionality. *Psychological Assessment, 19*(3), 330–339. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.19.3.330>
- Walters, G. D., & Ruscio, J. (2009). To sum or not to sum: taxometric analysis with ordered categorical assessment items. *Psychological Assessment, 21*(1), 99–111. <https://doi.org/10.1037/a0015010>
- Walters, G. D., & Ruscio, J. (2010). Where do we draw the line? Assigning cases to subsamples for MAMBAC, MAXCOV, and MAXEIG taxometric analyses. *Assessment, 17*(3), 321–333. <https://doi.org/10.1177/1073191109356539>
- Wright, E. M. (2009). The measurement of psychopathy: dimensional and taxometric approaches. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 53*(4), 464–481. <https://doi.org/10.1177/0306624X08319416>

Anexos

Anexo 1. Questionário sociodemográfico e questionário CAGE

Sexo: O Feminino O Masculino Idade: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Profissão ou ocupação: _____

Escolaridade	Eu	Pai	Mãe	Etnia	Renda mensal da família	Relacionamento
Ensino fundamental incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Branco <input type="checkbox"/>	Menor que 1 salário mínimo <input type="checkbox"/>	Solteiro <input type="checkbox"/>
Ensino fundamental completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Negro <input type="checkbox"/>	De 1 a 5 salários mínimos <input type="checkbox"/>	Namorando <input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Pardo <input type="checkbox"/>	De 6 a 10 salários mínimos <input type="checkbox"/>	Casado <input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Índio <input type="checkbox"/>	De 11 a 15 salários mínimos <input type="checkbox"/>	Separado <input type="checkbox"/>
Ensino superior incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Asiático <input type="checkbox"/>	Acima de 15 salários mínimos <input type="checkbox"/>	Viúvo <input type="checkbox"/>
Ensino superior completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>			
Pós-graduação incompleta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>			
Pós-graduação completa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>			

Você já foi acusado, pela justiça, de ter cometido algum tipo de crime?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim
Você já foi expulso da escola alguma vez?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim
Você já fez ou faz tratamento psiquiátrico?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim
Você usa algum remédio psiquiátrico?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim

Você usou...	Alguma vez na vida?		No último mês?	
	Não	Sim	Não	Sim
Bebidas alcoólicas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tabaco (cigarro, narguilé etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Maconha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cocaína, crack ou oxy	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ecstasy ou anfetaminas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
LSD	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lança-perfume ou outros inalantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outras drogas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

CAGE	Não	Sim
Se você usa bebida alcoólica...		
Você já pensou em largar a bebida?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Já ficou aborrecido(a) quando outras pessoas criticaram o seu jeito de beber?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Já se sentiu mal ou culpado(a) pelo fato de beber?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Já bebeu pela manhã para ficar mais calmo(a) ou se livrar de uma ressaca?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 2. *Dirty Dozen* versão neutralizada

As questões abaixo avaliam características de personalidade que as pessoas podem possuir, em maior ou menor grau. Por gentileza, responda a elas com sinceridade, indicando um número como resposta, de acordo com a legenda abaixo. Não existem respostas certas ou erradas!

Discordo fortemente 1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5 Concordo fortemente

	1	2	3	4	5
1 Meu sorriso convence as pessoas.	0	0	0	0	0
2 Sei falar o que as pessoas querem ouvir.	0	0	0	0	0
3 Acho importante manter uma boa relação com as pessoas que têm poder.	0	0	0	0	0
4 Mantenho uma boa relação com pessoas de quem não gosto se for para atingir minhas metas.	0	0	0	0	0
5 Fico remoendo em minha mente quando penso que poderia ter agido diferente.	0	0	0	0	0
6 Sinto que não preciso da aprovação das outras pessoas.	0	0	0	0	0
7 Consigo me desligar dos problemas dos outros.	0	0	0	0	0
8 Eu me deixo levar menos pelas emoções em comparação com outras pessoas.	0	0	0	0	0
9 Sou alguém melhor e mais competente do que a maioria das pessoas.	0	0	0	0	0
10 Gosto de mostrar quando tenho mais habilidades do que outras pessoas.	0	0	0	0	0
11 Consigo me adaptar a todo tipo de trabalho se for para ganhar muito dinheiro.	0	0	0	0	0
12 Se eu recebo ajuda de alguém, entendo que está tudo bem se eu não puder retribuir.	0	0	0	0	0

Anexo 3. Dirty Dozen

As questões abaixo avaliam características de personalidade que as pessoas podem possuir, em maior ou menor grau. Por gentileza, responda a elas com sinceridade, indicando um número como resposta, de acordo com a legenda abaixo. Não existem respostas certas ou erradas!

Discordo totalmente 1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5 Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
1 Eu costumo manipular os outros para conseguir o que quero.	0	0	0	0	0
2 Eu costumo enganar e mentir para conseguir o que quero.	0	0	0	0	0
3 Eu costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero.	0	0	0	0	0
4 Eu costumo me aproveitar dos outros.	0	0	0	0	0
5 Eu costumo não sentir remorso.	0	0	0	0	0
6 Eu costumo não me importar se o que faço é certo ou errado.	0	0	0	0	0
7 Eu costumo ser cruel ou insensível.	0	0	0	0	0
8 Eu costumo ser cínico.	0	0	0	0	0
9 Eu costumo querer que os outros me admirem.	0	0	0	0	0
10 Eu costumo querer que os outros prestem atenção em mim.	0	0	0	0	0
11 Eu costumo buscar prestígio ou status.	0	0	0	0	0
12 Eu costumo esperar favores especiais dos outros.	0	0	0	0	0

Anexo 4. Levenson Self-Report Psychopathy

A seguir, você encontrará itens que descrevem várias características que as pessoas podem apresentar em maior ou menor magnitude. Use a escala abaixo, e assinale um número para indicar o quanto cada afirmação se aplica a você.

Totalmente falso 1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 ----- 5 Totalmente verdadeiro

	1	2	3	4	5
1 A vida é baseada na sobrevivência do mais forte; eu não me importo com os fracassados.	0	0	0	0	0
2 Para mim, correto é aquilo que me faz "levar a melhor".	0	0	0	0	0
3 No mundo de hoje, acho justo fazer qualquer coisa para me dar bem.	0	0	0	0	0
4 Meu principal objetivo na vida é acumular o maior número de bens que eu puder.	0	0	0	0	0
5 Fazer dinheiro é a minha meta mais importante.	0	0	0	0	0
6 Eu deixo os outros se preocuparem com valores morais; meu objetivo é apenas vencer.	0	0	0	0	0
7 As pessoas que são burras o suficiente para serem enganadas geralmente merecem isso.	0	0	0	0	0
8 Cuidar de mim mesmo é a minha maior prioridade.	0	0	0	0	0
9 Digo às outras pessoas o que elas querem ouvir para que elas façam o que eu quero.	0	0	0	0	0
10 Eu ficaria chateado se meu sucesso viesse à custa de outras pessoas.	0	0	0	0	0
11 Eu geralmente admiro um golpista inteligente.	0	0	0	0	0
12 Eu tento cuidar para não magoar outras pessoas para atingir minhas metas.	0	0	0	0	0
13 Eu gosto de me aproveitar dos sentimentos das pessoas.	0	0	0	0	0
14 Eu me sinto arrependido se falo ou se faço coisas que causam sofrimento a outras pessoas.	0	0	0	0	0
15 Mesmo se eu estivesse me esforçando para vender alguma coisa, eu não mentiria.	0	0	0	0	0
16 Trapacear não é correto porque é injusto com as outras pessoas.	0	0	0	0	0
17 Eu me meto nos mesmos problemas repetidamente.	0	0	0	0	0
18 Eu me entedio com frequência.	0	0	0	0	0
19 Eu consigo perseguir um objetivo em longo prazo.	0	0	0	0	0
20 Eu não planejo nada com muita antecedência.	0	0	0	0	0
21 Eu rapidamente perco o interesse por tarefas que inicio.	0	0	0	0	0
22 A maioria dos meus problemas se deve ao fato de que as pessoas não me entendem.	0	0	0	0	0
23 Antes de fazer qualquer coisa, eu penso com cuidado nas possíveis consequências.	0	0	0	0	0
24 Eu tenho me envolvido em muitas discussões com outras pessoas.	0	0	0	0	0

Anexo 5. *Barratt Impulsiveness Scale*

Por gentileza, assinale a frequência com que se comporta de acordo com os itens abaixo.

1= raramente ou nunca 2= de vez em quando 3= com frequência 4= quase sempre/sempre

	1	2	3	4
1 Eu planejo tarefas cuidadosamente.	0	0	0	0
2 Eu planejo viagens com bastante antecedência.	0	0	0	0
3 Eu tenho autocontrole.	0	0	0	0
4 Eu economizo (poupo) regularmente.	0	0	0	0
5 Eu penso nas coisas com cuidado.	0	0	0	0
6 Eu faço planos para me manter no emprego (eu cuido para não perder meu emprego).	0	0	0	0
7 Eu falo coisas sem pensar.	0	0	0	0
8 Eu gosto de pensar em problemas complexos.	0	0	0	0
9 Eu fico entediado com facilidade quando estou resolvendo problemas mentalmente.	0	0	0	0
10 Eu tenho mais interesse no presente do que no futuro.	0	0	0	0
11 Eu gosto de jogos e desafios mentais.	0	0	0	0

Anexo 6. Escala de Autocontrole

Por gentileza, assinale o quanto você concorda com as sentenças abaixo.

Discordo totalmente 1 ----- 2 ----- 3 ----- 4 Concordo totalmente

	1	2	3	4
1 Costumo agir impulsivamente	0	0	0	0
2 Não vivo pensando, nem me preparando para o futuro	0	0	0	0
3 Faço qualquer coisa que me dê prazer, mesmo que atrapalhe meus planos para o futuro	0	0	0	0
4 Estou mais preocupado com o que me acontece agora do que com coisas no futuro	0	0	0	0
5 Tento evitar situações quando sei que serão difíceis	0	0	0	0
6 Quando as coisas complicam, eu desisto	0	0	0	0
7 As coisas mais fáceis de fazer são as que me dão mais prazer	0	0	0	0
8 Não gosto de atividades muito difíceis, que exigem muito de mim	0	0	0	0
9 Gosto de me testar fazendo coisas arriscadas	0	0	0	0
10 Corro risco, só para me divertir	0	0	0	0
11 Fazer coisas que podem me colocar em encrenca, me estimulam	0	0	0	0
12 Para mim, estimulação e aventura são mais importantes do que segurança	0	0	0	0

Anexo 7. Inventory of Callous-Unemotional Traits

Por gentileza, assinale o quanto você concorda com as sentenças abaixo.

Totalmente falso 1 ---- 2 ---- 3 ---- 4 ---- 5 Totalmente verdadeiro

	1	2	3	4	5
1 Eu mostro meus sentimentos abertamente.	0	0	0	0	0
2 O que eu acho que é "certo" e "errado" é diferente do que outras pessoas acham.	0	0	0	0	0
3 Eu me importo se estou indo bem na escola ou no trabalho.	0	0	0	0	0
4 Eu não me importo em machucar alguém para conseguir o que eu quero.	0	0	0	0	0
5 Eu me sinto mal ou culpado(a) quando faço algo errado.	0	0	0	0	0
6 Eu não mostro minhas emoções para outras pessoas.	0	0	0	0	0
7 Eu não me importo de chegar atrasado.	0	0	0	0	0
8 Eu me importo com os sentimentos dos outros.	0	0	0	0	0
9 Eu não me importo de me meter em confusão.	0	0	0	0	0
10 Eu não deixo os meus sentimentos me controlarem.	0	0	0	0	0
11 Eu não me importo em fazer as coisas bem feitas.	0	0	0	0	0
12 Eu pareço indiferente e insensível com os outros.	0	0	0	0	0
13 Para mim, é fácil admitir quando estou errado(a).	0	0	0	0	0
14 É fácil para os outros perceber como eu estou me sentindo.	0	0	0	0	0
15 Eu sempre tento fazer o melhor que eu posso.	0	0	0	0	0
16 Eu peço desculpas (digo "eu sinto muito") para pessoas que eu machuco.	0	0	0	0	0
17 Eu tento não ferir os sentimentos dos outros.	0	0	0	0	0
18 Eu não me sinto culpado(a) quando faço alguma coisa errada.	0	0	0	0	0
19 Eu demonstro meus sentimentos e sou muito emotivo(a).	0	0	0	0	0
20 Eu não gosto de perder tempo para fazer as coisas bem feitas.	0	0	0	0	0
21 Os sentimentos dos outros não são importantes para mim.	0	0	0	0	0

Anexo 8. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para aplicação presencial

TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO (TCLE)

Título: Análise Taxométrica da Psicopatia em uma amostra de adultos da população geral

Eu _____, RG _____ abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade dos pesquisadores Nara Cíntia Alves Cordeiro e Prof. Dr. Nelson Hauck Filho, do Curso Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento declaro ter 18 anos ou mais e estar ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é realizar uma análise taxométrica de indicadores de psicopatia em uma amostra de adultos da população geral.
- 2 - Durante o estudo serão utilizados cinco instrumentos psicológicos (escalas) a serem aplicados na instituição de contato com o participante, com tempo médio de 30 minutos.
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a estes instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental, não sendo provável, também, que causem desconforto emocional;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11- 24548981;
- 8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Prof. Dr. Nelson Hauck Filho sempre que julgar necessário pelo telefone: 11 - 956553005;
- 9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

_____, _____ de _____ de 20__

Assinatura do Responsável Legal: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Anexo 9. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para aplicação online

TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO (TCLE)

Título: Análise Taxométrica da Psicopatia em uma amostra de adultos da população geral

Você está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade dos pesquisadores Nara Cíntia Alves Cordeiro e Prof. Dr. Nelson Hauck Filho, do Curso Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.

Aceitando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é realizar uma análise taxométrica de indicadores de psicopatia em uma amostra de adultos da população geral.
- 2 - Durante o estudo serão utilizados cinco instrumentos psicológicos (escalas) a serem aplicados na instituição de contato com o participante, com tempo médio de 30 minutos.
- 3 - A resposta a estes instrumentos não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental, não sendo provável, também, que causem desconforto emocional;
- 4 - Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 5 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

Declaro ter 18 anos ou mais e desejo continuar

Não tenho 18 anos ou não desejo continuar

Anexo 10. Parecer consubstanciado do CEP



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise Taxométrica da psicopatia em uma amostra de adultos da população geral

Pesquisador: Nara Cíntia Alves Cordeiro

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53658115.8.0000.5514

Instituição Proponente: Universidade São Francisco-SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER Número do Parecer: 1.447.422

Apresentação do Projeto:

Existem diferentes modelos teóricos para avaliação da psicopatia. Esse tipo de estudo tem sido realizado principalmente com a população forense. A análise dos dados obtidos por meio de adultos da população geral permitirá concluir se os resultados obtidos anteriormente por outras análises taxométricas sofreram alguma influência pela especificidade da amostra.

Objetivo da Pesquisa:

Realizar uma análise taxométrica de indicadores de psicopatia em uma amostra de adultos da população geral.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos conhecidos, nem benefícios diretos aos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequada eticamente

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apropriados

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto adequado eticamente.

Considerações Finais a critério do CEP:

APÓS DISCUSSÃO EM REUNIÃO DO DIA 10/03/2016, O COLEGIADO DELIBEROU PELA APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISAS.



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



Continuação do Parecer: 1.447.422

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_633350.pdf	25/02/2016 23:40:59		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_NARA.pdf	25/02/2016 23:32:07	Nara Cíntia Alves Cordeiro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_NARA.docx	22/02/2016 19:29:31	Nara Cíntia Alves Cordeiro	Aceito
Outros	LATTES.pdf	22/02/2016 19:23:08	Nara Cíntia Alves Cordeiro	Aceito
Outros	ANEXOS_NARA.docx	26/11/2015 01:35:32	Nara Cíntia Alves Cordeiro	Aceito
Outros	CARTAS_DE_ANUENCIA.pdf	26/11/2015 01:32:20	Nara Cíntia Alves Cordeiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_NARA.docx	26/11/2015 01:19:35	Nara Cíntia Alves Cordeiro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRAGANCA PAULISTA, 11 de Março de 2016

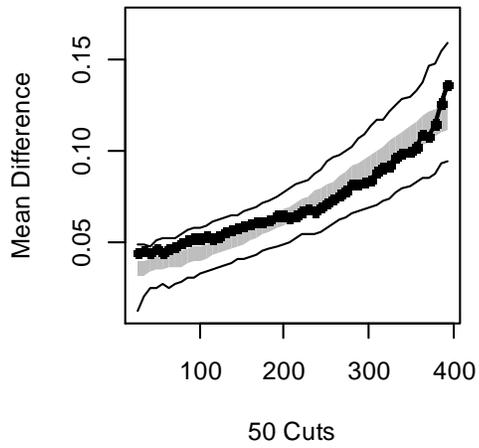
**Assinado por:
Alessandra Gambero
(Coordenador)**

Anexo 11. Gráficos dos procedimentos de Análise Taxométrica por indicador

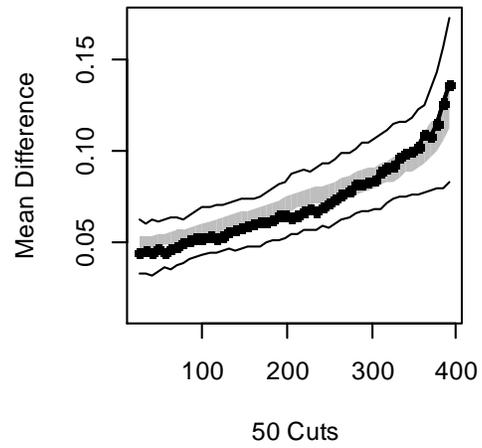
Dirty Dozen

a) MAMBAC

Categorical Comparison Data

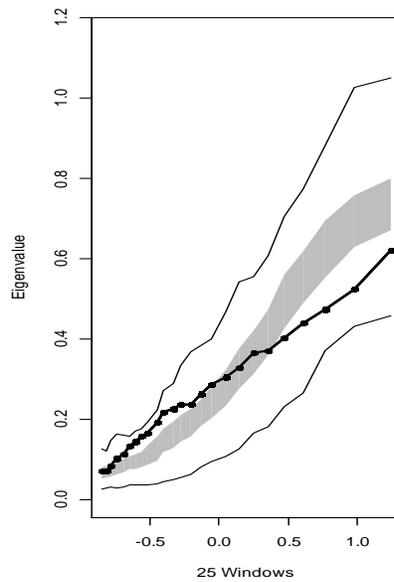


Dimensional Comparison Data

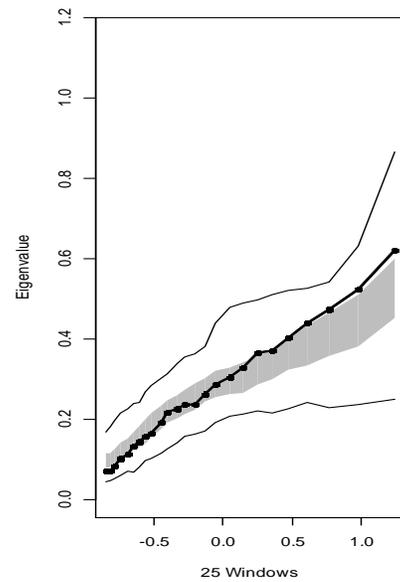


b) MAXEIG

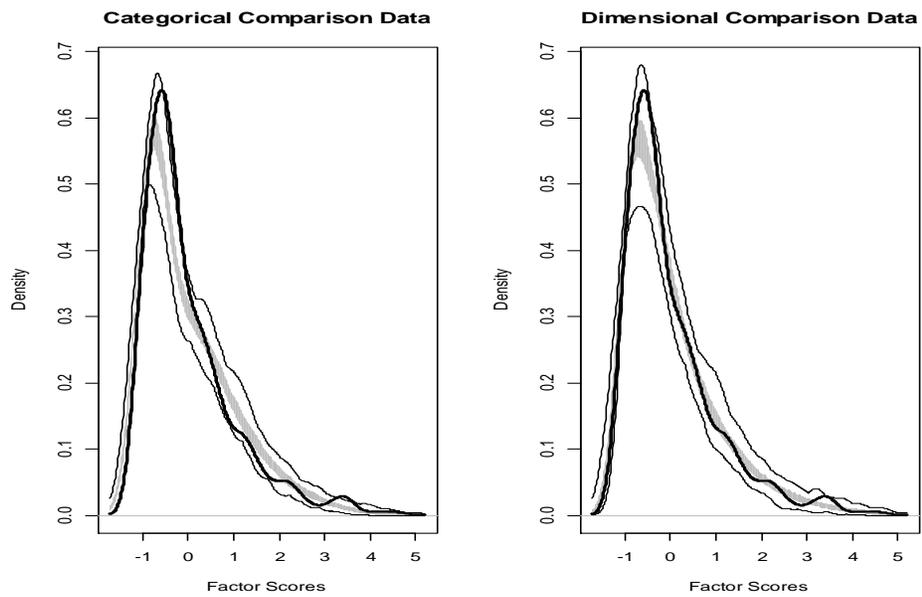
Categorical Comparison Data



Dimensional Comparison Data

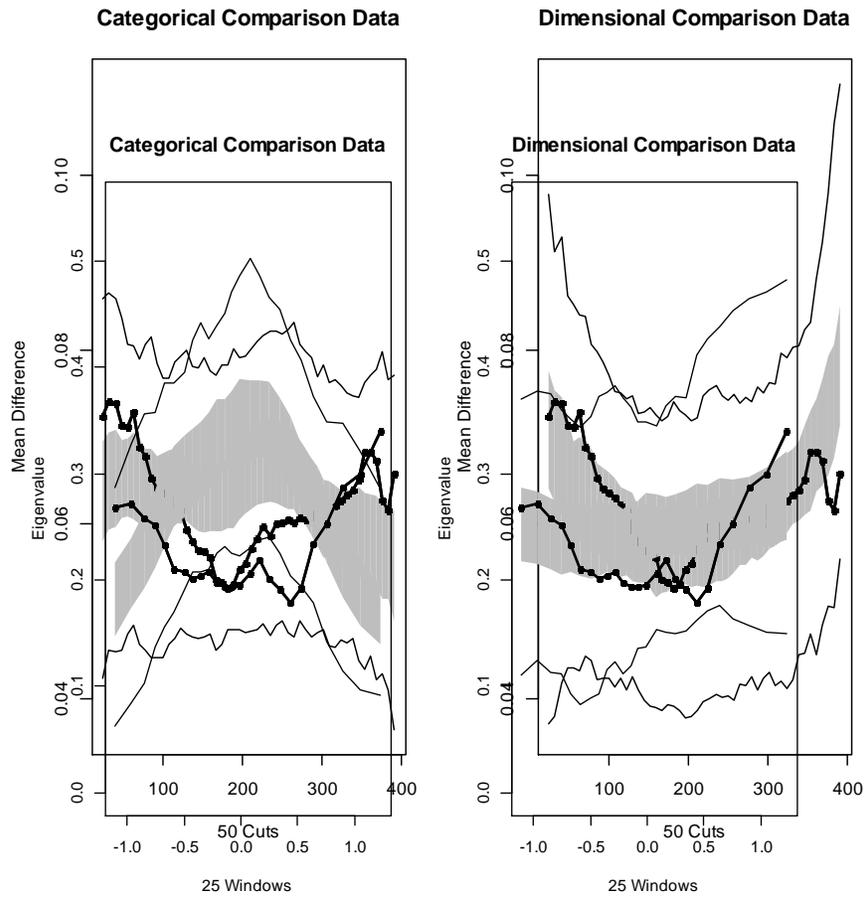


c) L-Mode



Dirty Dozen Neutralizado

a) MAMBAC

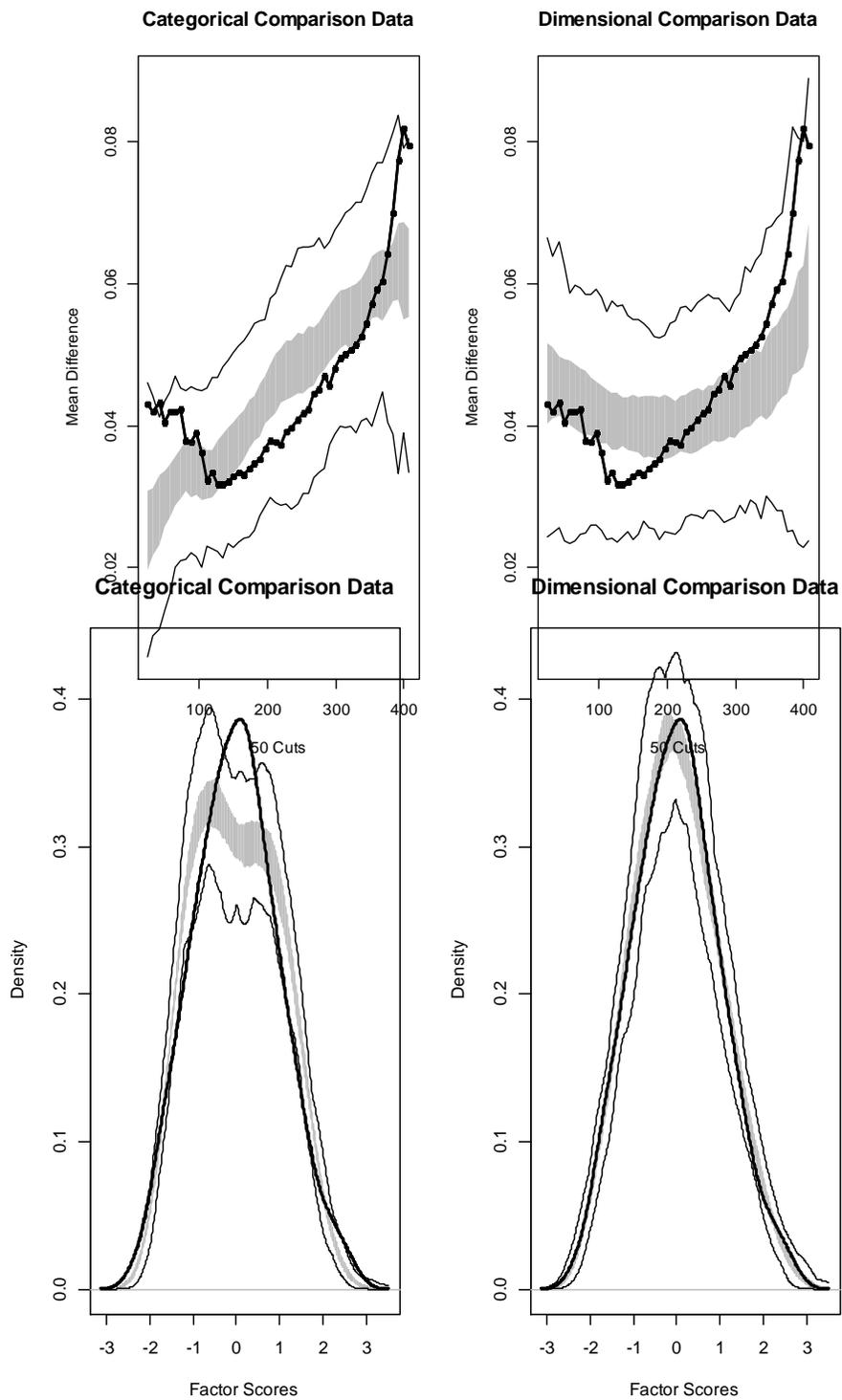


b) MAXEIG

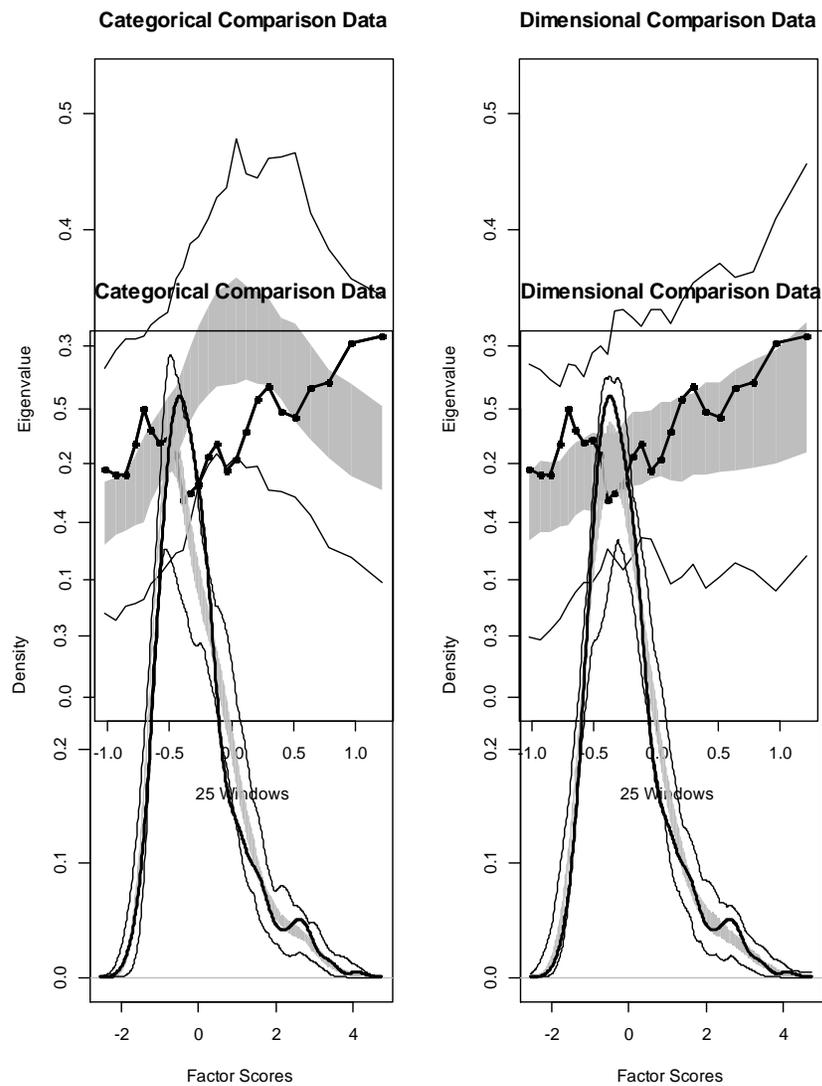
c) L-Mode

Levenson Self-Report Psychopathy

a) MAMBAC



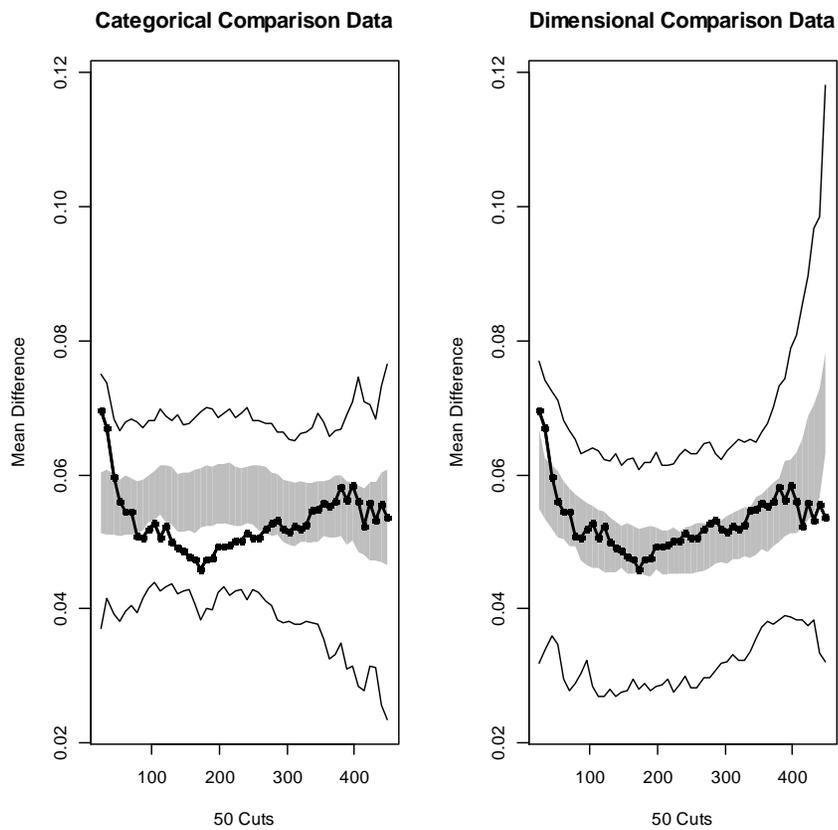
b) MAXEIG



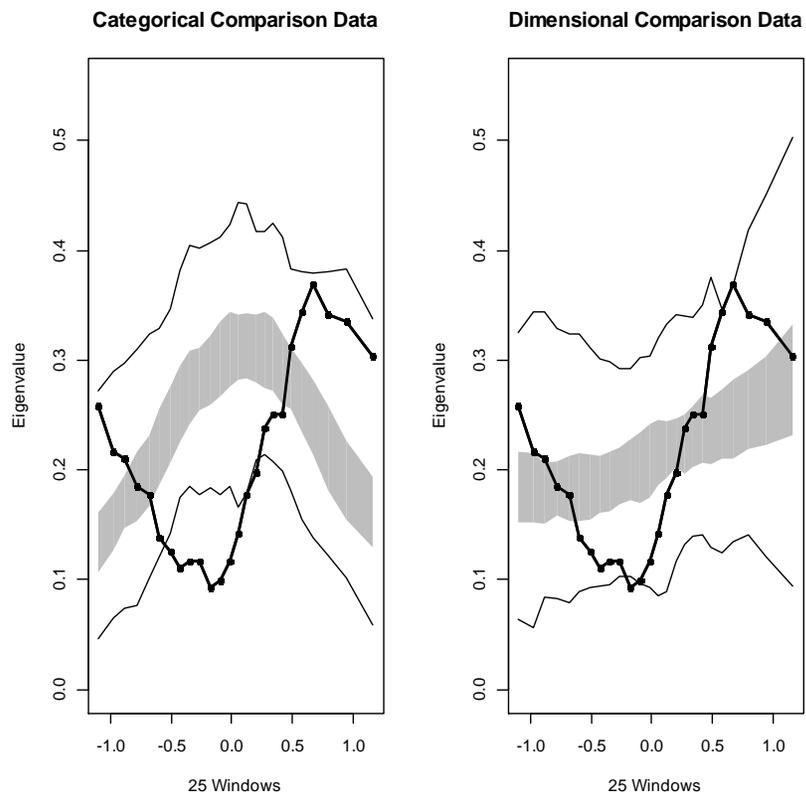
c) L-
Mode

Inventário de Frieza e Insensibilidade Emocional (ICUT)

a) MAMBAC

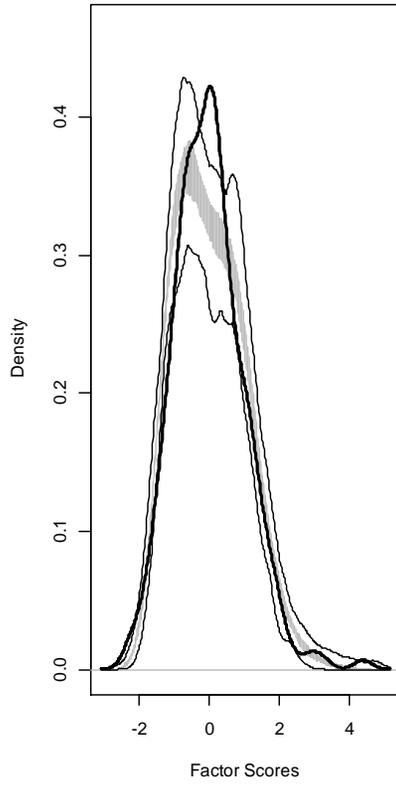


b) MAXEIG

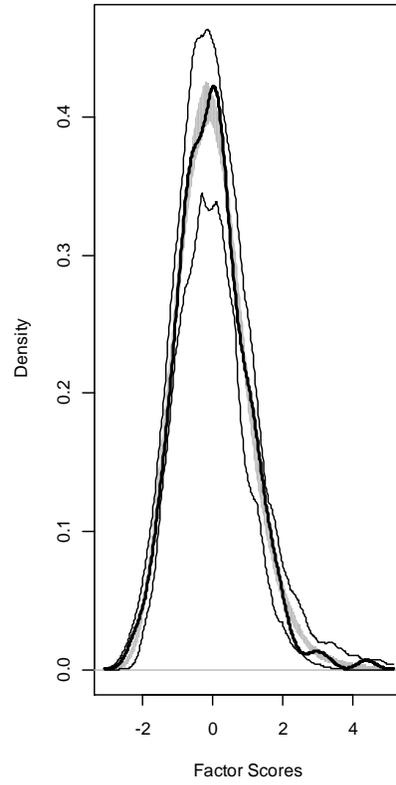


c) L-
Mode

Categorical Comparison Data

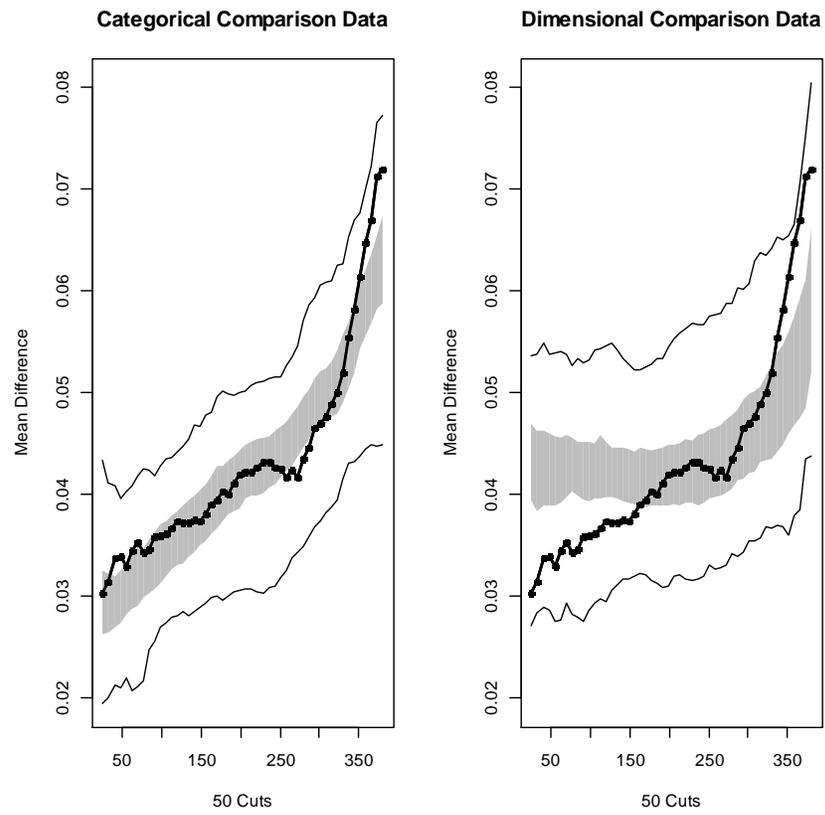


Dimensional Comparison Data



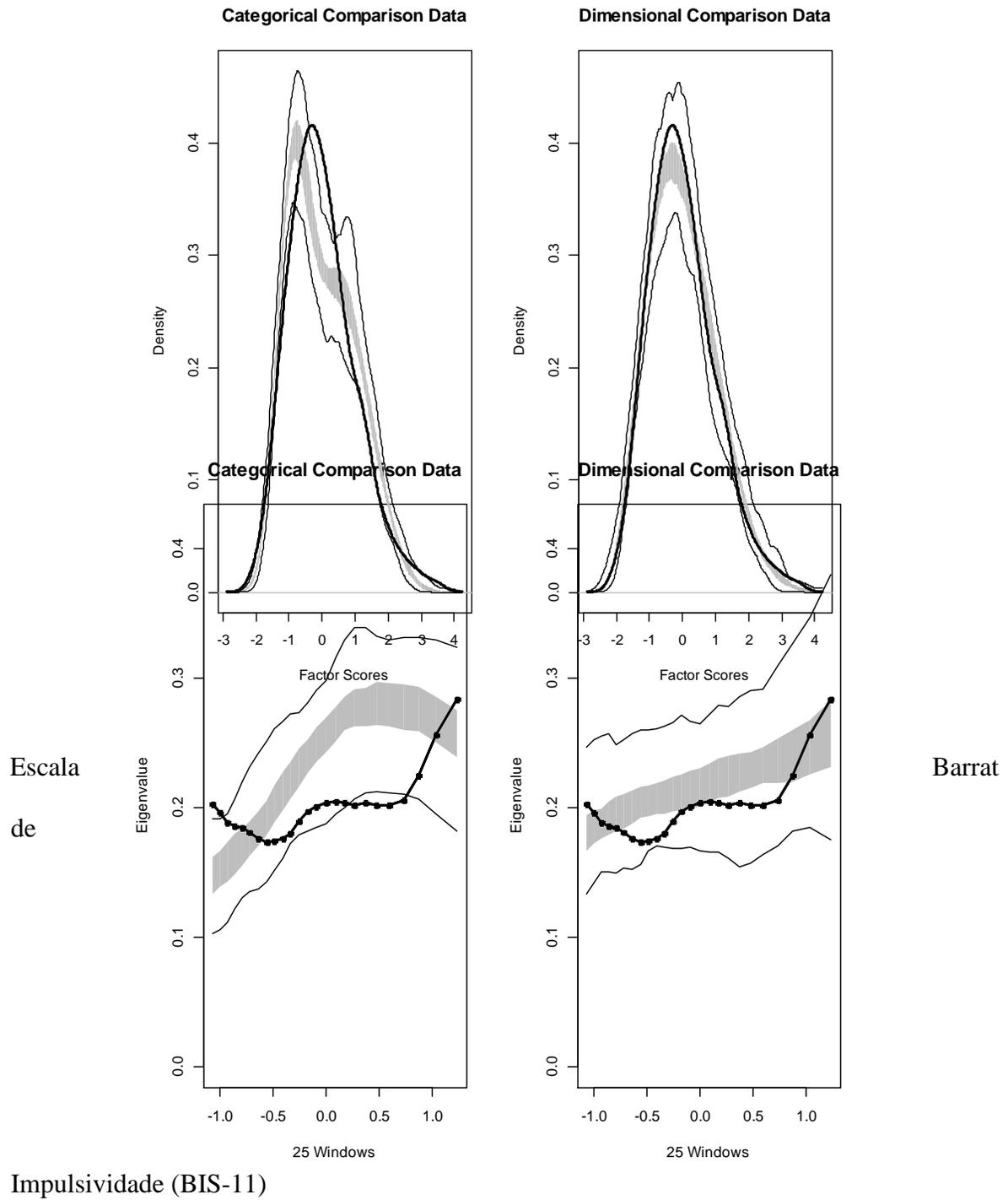
Escala de Auto-controle

a) MAMBAC



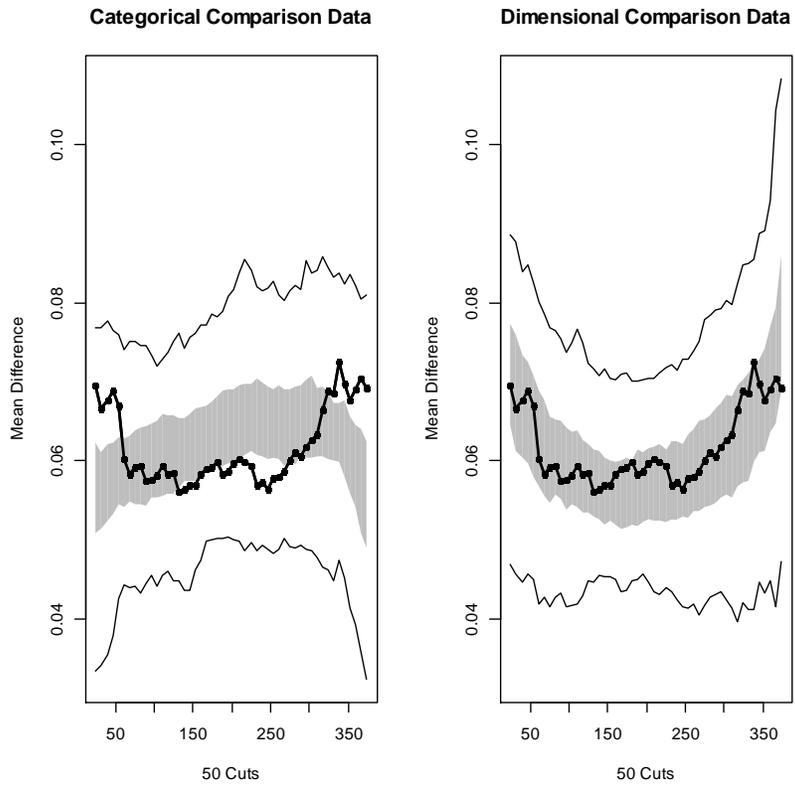
b) MAXEIG

c) L-Mode

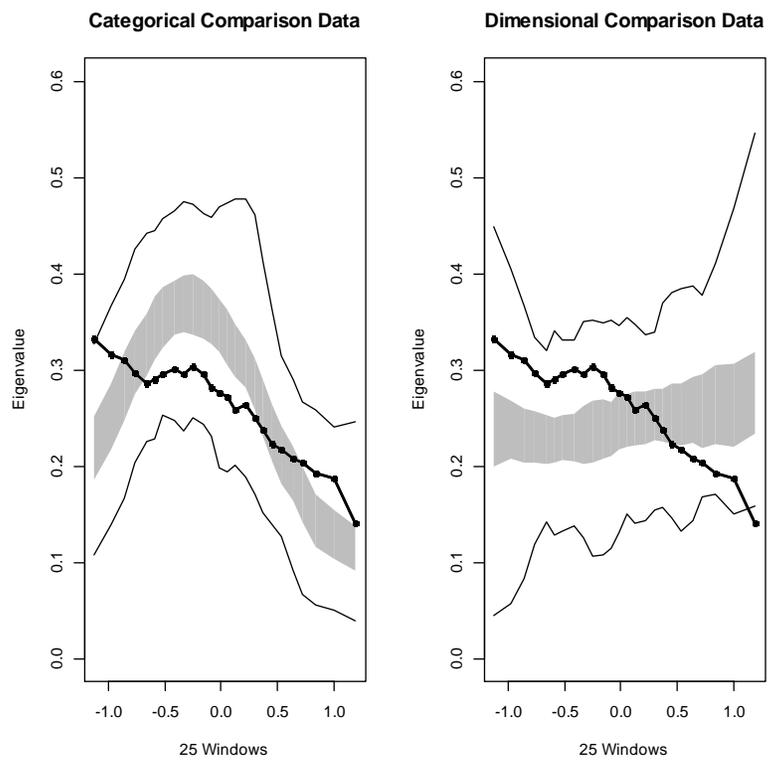


Impulsividade (BIS-11)

a) MAMBAC



b) MAXEIG



c) L-

Mode

